



Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

**Complexidade econômica e os efeitos da
pandemia de COVID19 sobre os fluxos
comerciais e o mercado de trabalho no Brasil e
em Minas Gerais**

Autores

João Romero - CEDEPLAR/UFMG

Elton Freitas - CEDEPLAR/UFMG

Ian Prates - CEBRAP

CEBRAP

Presidente

Marcos Nobre

Diretor Científico

Raphael Neves

Diretora Administrativo

Graziela Castello

Coordenação

Ian Prates

Este estudo foi elaborado com recursos do patrocínio do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) como apoio às atividades de pesquisa e difusão de conhecimento da Rede de Pesquisa Solidária - Políticas Públicas e Sociedade.



Complexidade econômica e os efeitos da pandemia de COVID19 sobre os fluxos comerciais e o mercado de trabalho no Brasil e em Minas Gerais

Conclusões Principais – Brasil

- O efeito negativo da epidemia foi mais acentuado nas exportações e nas importações de bens de alta complexidade do que de baixa complexidade.
- Caso o efeito negativo da epidemia sobre o setor de alta complexidade seja permanente, esse impacto deverá resultar em menor crescimento do PIB per capita, maior desigualdade e maior intensidade de emissões de gases de efeito estufa.
- A epidemia teve impacto maior nas exportações dos estados com estrutura produtiva mais complexa.
- A epidemia teve impacto maior nas importações dos estados com estrutura produtiva menos complexa.
- O saldo comercial no primeiro semestre de 2020 foi positivo devido, em boa medida, ao elevado e crescente saldo comercial em bens de baixa complexidade.
- Os ganhos nas exportações estiveram concentrados nas regiões Norte e Centro-Oeste, além de Pernambuco, Piauí e Alagoas, enquanto nos demais estados observou-se queda das exportações.
- 17 estados tiveram queda das exportações de bens de alta complexidade superior a 20% em relação ao primeiro semestre de 2019.
- Apenas 9 dos 27 estados tiveram aumento de importações em relação a 2019.
- Nos estados a queda das importações foi em geral maior para os produtos de menor complexidade, provavelmente devido à maior necessidade de importação de bens de alta complexidade, em função da baixa (e cadente) capacidade de produção local.
- 10 estados tiveram aumento (alguns expressivos) das importações de alta tecnologia, o que reforça a perda de competitividade da produção doméstica desse setor, como já observado ao analisar as exportações.
- A grande maioria dos estados teve saldo comercial positivo em produtos de baixa complexidade e negativo em produtos de alta complexidade.
- Ocorreu um crescimento expressivo, de 6,4 p.p., na participação da China como principal destino das exportações brasileiras entre o primeiro semestre de 2019 e o 2020, e queda da participação dos EUA de 3,5 p.p..

Conclusões Principais – Minas Gerais

- A efeito da crise nas exportações e importações mineiras de bens de alta complexidade foi mais acentuado do que no comércio de bens de baixa complexidade.
- As exportações mineiras de alta complexidade caíram mais do que o total do país;

- A queda das importações de Minas Gerais foi mais expressiva do que as do Brasil, o que pode indicar maior retração da renda do estado em relação ao país como um todo;
- A crise das exportações mineiras começou depois da nacional, de forma que a recuperação do estado deve também ocorrer com alguma defasagem.
- Ocorreu uma queda considerável da participação da Argentina (-2,8p.p.), nas importações mineiras. Ao mesmo tempo, as importações da China aumentaram 1,7p.p..
- Já em relação as exportações, ocorreu um crescimento expressivo na participação da China (7,7p.p.), principal destino das exportações mineiras entre, e do Canadá (2,2p.p.).
- Queda expressiva no primeiro semestre de 2020 nas exportações de produtos de Artigos têxteis (-39,5%), Artigos de papel (-32,6%) e de Transportes (-44%). Por outro lado, houve um aumento nas importações de Instrumentos (20%) e Produtos químicos (13,9%).
- O segundo trimestre de 2020, auge da pandemia, registrou uma perda de 1,1 milhão de empregos em relação ao mesmo período de 2019 em Minas Gerais.
- 2/3 dos empregos desfeitos em Minas Gerais estavam no setor informal e mais de 2/3 nos setores de baixa complexidade.
- Há indício de que o mercado de trabalho em Minas Gerais venha dando tímidos sinais de recuperação a partir de julho.

Introdução

Desde que começou, a pandemia de COVID19 gerou enorme impacto na produção, no consumo e nas rotinas dos diversos países afetados ao redor do mundo. Medidas de restrição têm sido colocadas em prática no mundo todo para diminuir o fluxo de pessoas circulando nas ruas e evitar aglomerações desnecessárias. Tudo isso também têm afetado diretamente os resultados da economia, atingindo tanto o mercadinho da esquina quanto as operações de comércio exterior.

Esse impacto teve efeito direto nos fluxos de comércio e também no padrão de comércio entre os países. Em muitos casos, o funcionamento das indústrias foi paralisado – ou, no mínimo, desacelerado – e isso fez com que a oferta de produtos para a exportação caísse consideravelmente.

Com as pausas e restrições à aglomeração, a produção industrial de muitas nações diminuiu drasticamente nos últimos meses. Assim, o momento de pandemia trouxe consigo um período de recessão em escala global.

Projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI)¹ indicam para uma retração de pelo menos -4,9% no Produto Interno Bruto (PIB) global. E, como em toda

¹ Disponível em <https://valor.globo.com/financas/noticia/2020/06/24/fmi-revisa-previsao-de-crescimento-global-de-3-pontos-percentuais-para-49-neste-ano.ghtml>.

crise econômica, a tendência é que haja uma diminuição também no consumo, mais um fator que traz para baixo os volumes de exportação.

Antes da pandemia, o Brasil ainda não havia se recuperado da crise econômica dos últimos anos, que alavancou os números do desemprego para patamares preocupantes. O PIB brasileiro cresceu 1,1% em 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)². Foi o desempenho mais fraco em 3 anos, com o resultado afetado principalmente pela perda de ritmo do consumo das famílias e dos investimentos privados. Em valores correntes, o PIB do ano passado totalizou R\$ 7,3 trilhões em 2019.

Em 2019, as exportações somaram US\$ 225 bilhões, uma queda de 5,8% em relação ao ano anterior (2018), que registrou US\$ 239 bilhões. Já as importações somaram US\$ 177 bilhões, uma queda de 2,1% sobre as compras internacionais em 2018.

No entanto, este cenário foi agravado com o impacto do coronavírus. O FMI prevê queda de 9,1% para o PIB do Brasil neste ano³. Além disso, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) prevê que a desaceleração do comércio internacional causada pela pandemia vai causar uma retração das exportações brasileiras entre 11% e 20% em 2020, levando as vendas do país para patamar inferior aos US\$ 200 bilhões⁴.

Diante deste cenário, a presente Nota Técnica busca realizar uma análise dos efeitos da pandemia de COVID19 sobre os fluxos comerciais brasileiros e de cada um dos estados brasileiros durante os primeiros 6 meses de 2020. Para tanto, utilizamos dados de importações e exportações brasileiras, disponibilizados mensalmente na plataforma Comexstat⁵.

Uma importante contribuição da análise aqui desenvolvida é dividir produtos comercializados e estados segundo seu índice de complexidade. Seguindo a metodologia proposta por Hidalgo e Hausmann (2009)⁶, em linhas gerais, produtos complexos são aqueles produzidos competitivamente por um número pequeno de países com estrutura produtiva diversificada, o que indica o maior requerimento de capacidade produtiva para a produção competitiva desses bens. Países complexos, por sua vez, são aqueles que produzem competitivamente uma cesta de bens mais diversificada e de maior complexidade.

² Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?edicao=26998&t=destaques>.

³ Disponível em <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/06/24/WEUpdateJune2020>.

⁴ Disponível em https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2020/04/CC47_NT_Comercio-externo-Covid-19.pdf

⁵ Disponível em <http://comexstat.mdic.gov.br>.

⁶ Hidalgo C.A.; Hausmann, R. (2009) The building blocks of economic complexity, Proceedings of the National Academy of Sciences, 106(26), p. 10570–10575.

Essa classificação setorial dos bens e dos estados é importante pois conforme evidência apresentada por Hausmann et al (2007⁷; 2011⁸), a produção de produtos de maior complexidade está associada a maiores taxas de crescimento do PIB per capita, de forma que um aumento de um desvio padrão na complexidade aumenta a taxa de crescimento do PIB per capita em 1,6%. Segundo Hausmann et al. (2011, p. 27), a complexidade econômica reflete o nível de conhecimento incorporado na estrutura produtiva da economia, de forma que países com complexidade acima do esperado para seu nível de renda tendem a crescer mais do que países com alta renda, mas pouco complexos.

Além disso, outros trabalhos têm apontado que o aumento da complexidade econômica está associado também a melhoria em outras variáveis. Hartmann et al. (2017)⁹, por exemplo, encontraram evidências de que o aumento da complexidade econômica está também correlacionado com a redução da desigualdade. Os resultados apresentados por Hartmann et al. (2017) indicam que países que produzem e exportam produtos mais complexos tendem a ter instituições mais inclusivas e nível de desigualdade inferiores, mesmo quando controlando por educação e outras variáveis. Embora mais estudos sejam necessários pra entender com maior precisão como essa relação se processa, é provável que esse resultado esteja em boa medida relacionado ao tipo de emprego, de maior qualificação e remuneração, requerido para a produção de bens de maior complexidade. Por fim, em estudo recente, Romero e Gramkow (2020)¹⁰ encontraram evidências de que um aumento de uma unidade no índice de complexidade do país gera uma redução futura de 23% na intensidade de emissões da produção do país, colaborando para um crescimento mais verde.

Exportações e importações brasileiras

Em função da ausência de dados de comércio de outros países que possibilitem comparar os efeitos da epidemia nos diversos países, uma alternativa para analisar a profundidade do impacto da pandemia no comércio internacional brasileiro é comparar os valores das exportações e importações dos primeiros seis meses de 2020 com os valores dos mesmos meses de 2019.

As exportações brasileiras caíram 7,1% primeiro semestre de 2020 em relação ao primeiro semestre de 2019 (ver Figura A1 dos Anexos). A maior parte dessa queda foi no segundo trimestre (-8,6% em relação a 2019), mas a queda já se iniciou ainda no primeiro semestre do ano (-5,3%). Essa queda foi motivada por uma forte retração das exportações de produtos de alta complexidade (-29,2%),

⁷ Hausmann, R.; Hwang, J.; Rodrik, D. (2007) What you export matters, *Journal of Economic Growth*, 12, p. 1-25.

⁸ Hausmann, R.; Hidalgo C.A.; Bustos, S.; Coscia, M.; Chung, S.; Jimenez, J.; Simões, A.; Yildirim, M. A (2011) *The Atlas of Economics Complexity – Mapping Paths to prosperity*. Puritan Press, p. 364.

⁹ Hartmann, D, Guevara, M, Jara-Figueroa, C, Aristarán, M, Hidalgo, C. (2017) Linking Economic Complexity, Institutions, and Income Inequality. *World Development*, v.93, p.75-93.

¹⁰ Romero, J. P.; Gramkow, C. (2020) Economic Complexity and Greenhouse Gas Emission Intensity, Cambridge Centre for Economic and Public Policy Working Paper, WP-03-20, p. 1-32.

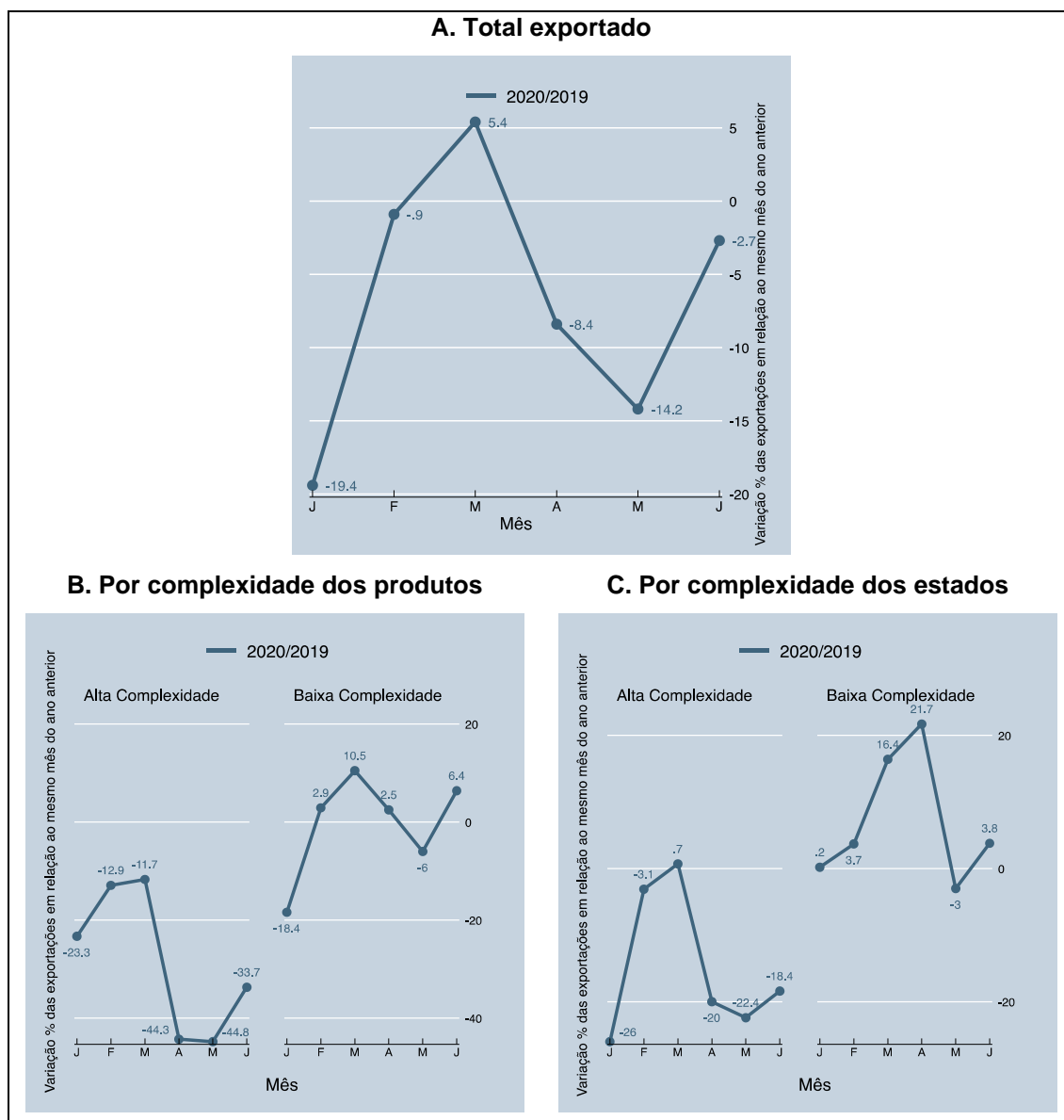
ao passo que as exportações de baixa complexidade permaneceram praticamente estáveis (-0,6%).

A Figura 1A apresenta os movimentos das exportações brasileiras nos primeiros 6 meses de 2020 em relação aos primeiros 6 meses de 2019. Os números da figura indicam a variação percentual das exportações de cada mês em relação ao mesmo mês do ano anterior. Em janeiro de 2020 as exportações brasileiras foram 20% inferiores a 2019. Em fevereiro ocorre uma redução dessa diferença, e em março a valor exportado se torna 5,4% maior que o exportado nesse mês em 2019. A crise causada pela epidemia faz com que as exportações brasileiras se tornem novamente inferiores a 2019 em abril (-8,4%), e esse quadro se aprofunda em maio (-14,2%). Em junho, embora o valor exportado continue 2,7% inferior a 2019, já se observa uma redução dessa diferença de valores.

A Figura 1B repete a análise da Figura 1A, mas agora dividindo os produtos exportados em dois grupos: produtos de baixa complexidade e de alta complexidade. A Figura 1C divide os estados entre aqueles com estrutura produtiva de baixa complexidade e aqueles com estrutura produtiva de alta complexidade. Os índices de complexidade econômica (ICE) e dos produtos (ICP), propostos por Hidalgo e Hausmann (2009), são índices normalizado. Dessa forma, produtos que apresentam índice inferior a zero podem ser considerados produtos de baixa complexidade. Analogamente, os produtos com índice superior a zero são considerados produtos de alta complexidade. O mesmo vale para o índice de complexidade econômica utilizado para classificar as estruturas produtivas dos estados.

As Tabelas A1 e A2 apresentam os principais produtos exportados no Brasil em 2019 por nível de complexidade. A Tabela A1 apresenta os top 10 produtos exportados com alta complexidade ($ICP > 0$), já a Tabela A2 apresenta os top 10 produtos exportados com baixa complexidade ($ICP < 0$). Dentre os produtos de alta complexidade, os 3 principais exportados são Carros, Veículos de grande porte para construção e Turbinas a gás, esses produtos responderam por cerca de 3,6% das exportações brasileiras em 2019. Quanto aos produtos de baixa complexidade, Petróleo cru, Minério de ferro e Milho, são os 3 principais exportados, juntos esses produtos representaram cerca de 24% das exportações brasileiras em 2019.

Figura 1 – Variação (%) das exportações brasileiras em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Para os produtos de baixa complexidade, somente em janeiro e maio as exportações de 2020 foram inferiores às de 2019, o que ressalta o bom desempenho das exportações desses bens durante os primeiros 6 meses de 2020, apesar da pandemia. Para esses produtos o movimento foi semelhante ao movimento geral apresentado na Figura 1A: aumento entre janeiro e março de 2020, queda em abril e maio, e recuperação em junho. Para os produtos de alta complexidade, em todos os primeiros 6 meses de 2020 as exportações foram inferiores às de 2019, o que indica a piora desse setor. A queda observada nos meses de abril e maio foi particularmente impressionante: nesses meses as exportações brasileiras de bens de alta complexidade foram 44,3 e 44,8%

inferiores aos mesmos meses de 2019, respectivamente. Além disso, a recuperação em junho foi também modesta, ficando ainda as exportações desses bens 33,7% menores do que no ano anterior.

Na análise por grupos de estados, o quadro é novamente semelhante ao movimento das exportações subdivididas por produtos de baixa e alta complexidade: a queda das exportações dos estados de baixa complexidade é inferior à queda dos estados de alta complexidade, e a recuperação das exportações desse último grupo é mais lenta.

Em resumo, a Figura 1 apresenta duas informações relevantes sobre os movimentos das exportações durante o primeiro semestre de 2020: (1) o efeito da crise nas exportações de bens de alta complexidade foi muito mais acentuado do que nas exportações de bens de baixa complexidade; e (2) a crise teve impacto maior nos estados com estrutura produtiva mais complexa.

Verificou-se no primeiro semestre de 2020 queda também nas importações, mas inferior à das exportações (-5,2%) em relação a 2019 (ver Figura A2 dos Anexos). A maior parte dessa queda foi no segundo trimestre (-14,8% em relação a 2019), mas ao contrário das exportações, observou-se aumento das importações no primeiro semestre do ano (4,3%). A queda total foi motivada por uma forte retração das importações de produtos de alta complexidade (-19,2%) e também de baixa complexidade (-6,2%) no segundo trimestre. No primeiro trimestre, ambos setores apresentaram alta das importações, de forma que o resultado líquido foi uma queda de 7,2% nas importações de alta complexidade, e de 2,2% nas de baixa.

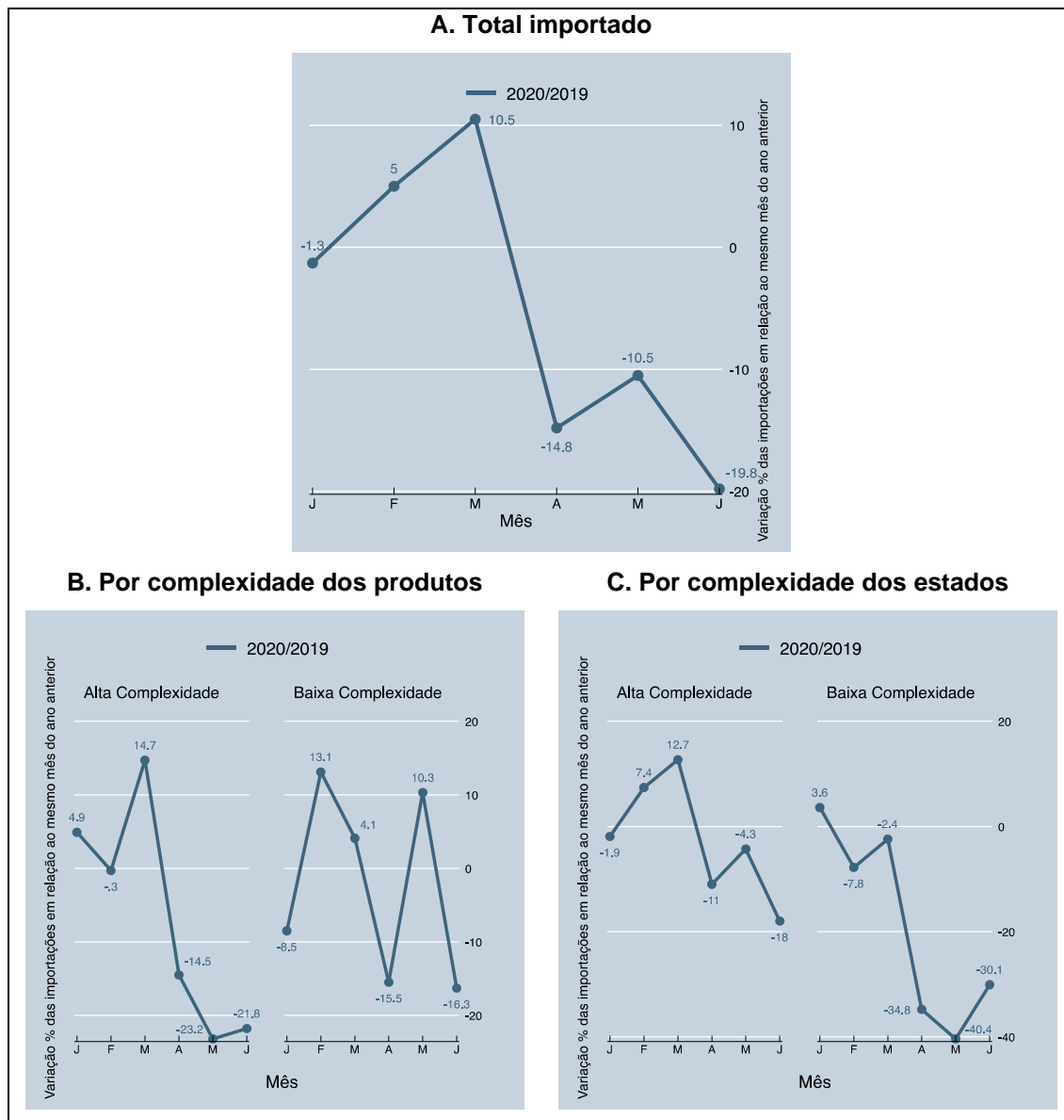
A Figura 2A apresenta os movimentos das importações brasileiras nos primeiros 6 meses de 2020 em relação aos primeiros 6 meses de 2019. O valor das importações apresentou melhora de janeiro a março e piora daí em diante. Em janeiro já se observava queda em relação ao mesmo mês do ano anterior. A diferença em relação a 2019 se torna positiva em fevereiro e março, mas com a epidemia tem forte queda nos meses de abril (-14,8%), maio (-10,5%) e junho (-19,8%).

A Figura 2B repete a análise da Figura 2A separando os produtos de baixa e alta complexidade. Para os produtos de alta complexidade o movimento é bem semelhante ao das importações gerais, com a queda das importações desses bens chegando a -23,2% em maio de 2020. A grande novidade é que o movimento das importações de baixa complexidade apresenta movimentos bem distintos: passa de uma diferença negativa em relação a 2019 em janeiro para positiva em fevereiro e março, voltando a ser negativa em abril, e subindo para uma diferença positiva novamente em maio, para finalmente voltar a ser negativa em junho.

Já na Figura 2C, subdividindo os estados em baixa e alta complexidade, o padrão dos movimentos é novamente semelhante às importações totais do Brasil. O principal resultado aqui é a queda mais acentuada das importações dos estados de baixa complexidade, que chegaram a cair -40,4% em maio, enquanto a queda nos estados de alta complexidade chega a -18% em junho.

Em resumo, a Figura 2 apresenta duas informações relevantes sobre os movimentos das importações durante o primeiro semestre de 2020: (1) o efeito da crise nas importações de bens de alta complexidade foi mais acentuado do que nas importações de bens de baixa complexidade; e (2) a crise teve impacto maior nas importações dos estados com estrutura produtiva menos complexa.

Figura 2 – Variação (%) das importações brasileiras em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

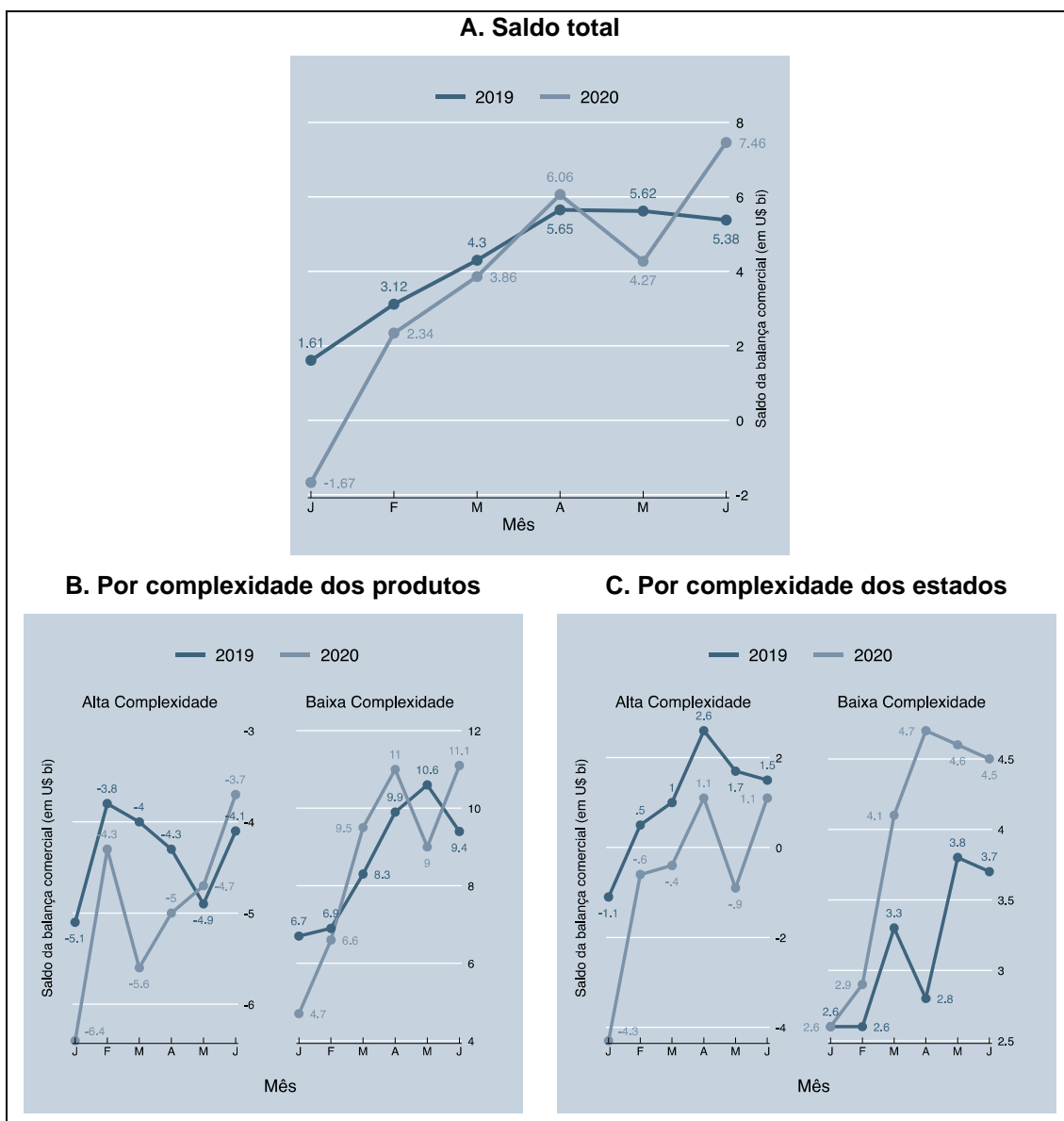
Balança comercial brasileira

A Figura 3 apresenta os movimentos da balança comercial brasileira ao longo dos 6 primeiros meses de 2019 e 2020.

Pela Figura 3A, observa-se que o saldo mensal de 2020 seguiu padrão semelhante ao de 2019, exceto no mês de maio. Entre janeiro e abril verificou-se aumento do saldo comercial, estando os saldos de 2020 abaixo dos de 2019 nos três primeiros meses, e superando o saldo de 2019 em abril. Um detalhe é o fato de 2020 começar com um saldo negativo em janeiro, ao contrário de 2019, mas que se transforma em positivo já em fevereiro. Já em maio, enquanto o saldo de 2019 permanece semelhante a abril (US\$ 5,6 bilhões), em 2020 o saldo desse mês tem queda em relação a abril. Contudo, é importante notar que o saldo permanece positivo em US\$ 4,2 bilhões. Essa queda em maio, porém, é compensada com um saldo maior em junho.

A Figura 3B apresenta os saldos comerciais para os produtos de baixa e de alta complexidade. O movimento do saldo comercial dos produtos de baixa complexidade é muito semelhante ao movimento do saldo geral, com a diferença que é positivo ao longo de todo o período e tem valores superiores ao saldo total. Isso é válido tanto pra 2019 como para 2020. Já para os produtos de alta complexidade o saldo permanece negativo em todos os meses de ambos anos. Em 2020 os menores resultados se dão em janeiro (US\$ -6,4 bilhões) e março (US\$ -5,6 bilhões).

Figura 3 – Saldo da balança comercial brasileira no primeiro semestre dos anos de 2019 e 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Na Figura 3C, por fim, são analisados os saldos comerciais dos estados, subdivididos entre estados com estrutura produtiva de alta e baixa complexidade. Diferentemente da análise por grupos de produtos, agora são os estados mais complexos que apresentam movimento mais semelhante ao movimento do saldo total. Contudo, esse saldo se inicia mais negativo que o total em 2020, e só atinge valores positivos em abril e junho (ambos em US\$ 1,1 bilhão). O mês de maio de 2020 é novamente marcado por uma queda muito mais forte do saldo do que observado nesse mesmo mês em 2019. Para os estados de baixa complexidade o quadro é muito diferente: o saldo comercial é sempre positivo e crescente ao longo dos meses, atingindo US\$ 4,7 bilhões em

abril de 2020, nível bem superior ao pico de US\$ 3,8 bilhões verificado em maio de 2019.

Em resumo, a Figura 3 apresenta quatro informações importantes sobre os saldos comerciais brasileiros durante o primeiro semestre de 2020: (1) com exceção de janeiro, o saldo foi sempre positivo e cresceu ao longo do semestre, o que indica que a queda das exportações brasileiras nesse período foi menor do que a queda das importações; (2) o saldo positivo foi atingido em função do elevado e crescente saldo comercial em bens de baixa complexidade; (3) o saldo comercial em bens de alta complexidade foi negativo ao longo de todo o período, e ainda que tenha se reduzido ao longo do semestre, indica a baixa competitividade relativa da produção nacional desse setor; e (4) o saldo comercial geral positivo foi em grande medida determinado pelos saldos positivos de estados de baixa complexidade.

Considerando grupos de produtos, o movimento das exportações e importações brasileiras apresentou uma queda das exportações na maioria dos grupos de produtos (ver Figuras A4 e A5 dos Anexos). As principais quedas no primeiro semestre de 2020 foram de Armas e munições (-41,3%), Artes e antiguidades (-87,4%), Instrumentos (-42,2%) e Transportes (-55,3%). Em relação as importações, as quedas mais relevantes foram nos produtos Plásticos e borracha (-3,5%), Produtos de Madeira (-11,6%), Produtos de origem vegetal (-3,4%), Produtos químicos (-2,1%), Instrumentos (-8,9%) e Máquinas (-3,2%). Por outro lado, houve um leve aumento nas importações de Derivados de vegetais e animais (1,2%) e Transportes (8,8%). E um expressivo aumento nas importações de Metais (27,8%) e Armas e munições (98,2%).

Vale destacar também que a participação dos principais parceiros comerciais do Brasil nas importações e exportações nos primeiros 6 meses de 2020 permaneceu praticamente inalterada em relação a 2019 (ver Figura A3 dos Anexos). Dentre os principais parceiros, a participação da China dos Estados Unidos e do Japão permaneceu relativamente constante nos dois períodos. Ocorreu uma leve redução da participação da Alemanha (-0,7%p.p.) e da Argentina (-1,3%p.p.) nas importações brasileiras. Já em relação as exportações, ocorreu um crescimento expressivo, de 6,4%p.p., na participação da China como principal destino das exportações brasileiras entre o primeiro semestre de 2019 e 2020, e queda da participação dos EUA de 3,5 p.p..

Exportações por estado

A Figura 4 indica os estados que tiveram aumento (tons de azul) e os estados que tiveram queda (tons de vermelho) das exportações em relação ao primeiro semestre de 2019.

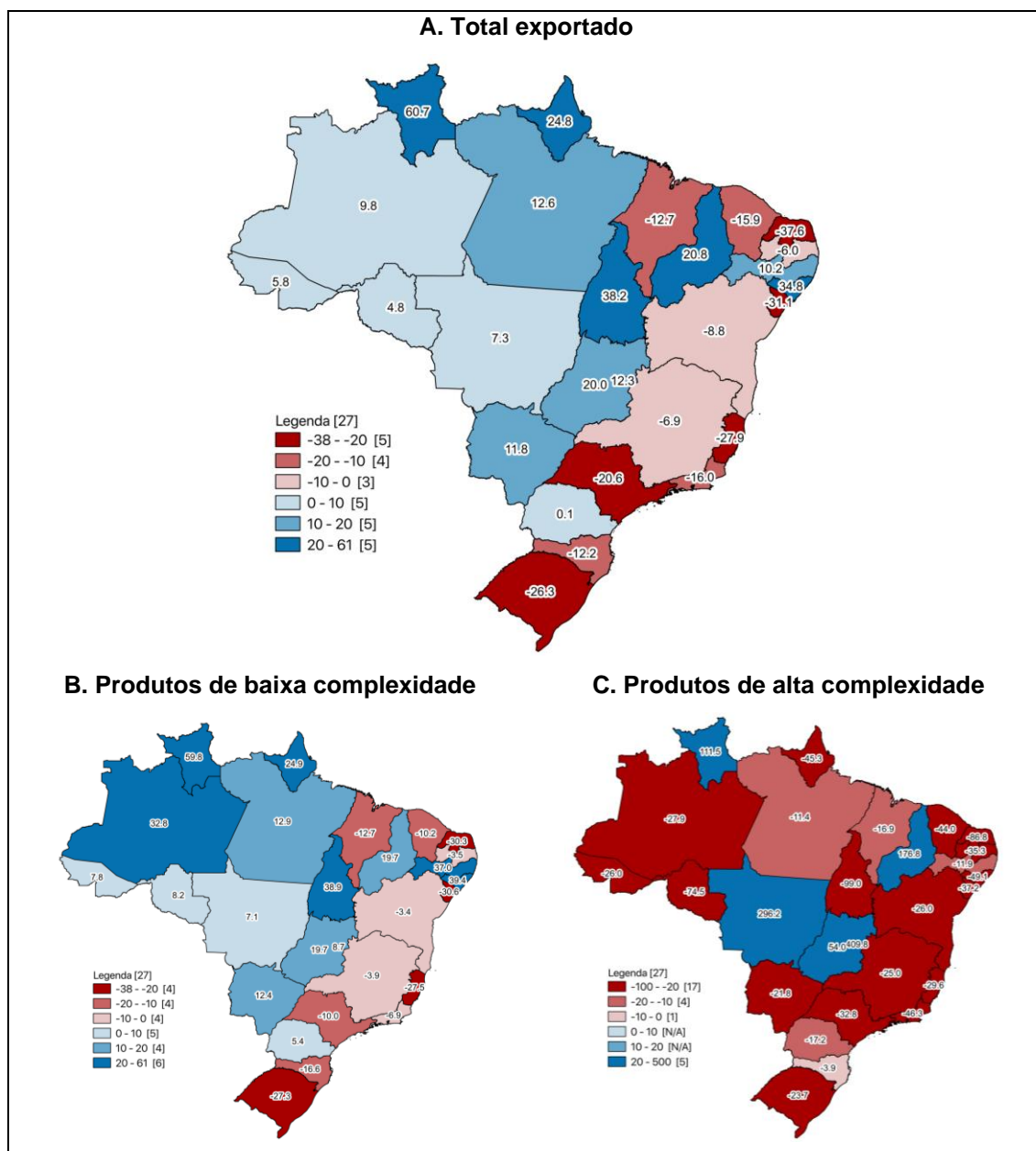
A Figura 4A aponta que os ganhos estiveram concentrados nas regiões Norte e Centro-Oeste, além de Pernambuco, Piauí e Alagoas. Santa Catarina ficou estável, e nos demais estados observou-se queda das exportações. As quedas mais acentuadas (mais de 20%) foram em São Paulo (-20,6%), Rio Grande do Sul (-26,3%), Espírito Santo (-27,9%), Sergipe (-31,1%) e Rio Grande do Norte

(-37,6%). Minas Gerais (-6,9%), Bahia (-8,8%) e Paraíba (-6%) tiveram quedas relativamente menores (abaixo de 10%).

A Figura 4B mostra que um padrão bastante semelhante ao da Figura 4A emerge se considerados somente os produtos de baixa complexidade. Do lado positivo, as principais diferenças são o maior aumento de Amazonas e Pernambuco. Do lado negativo, as principais diferenças são as quedas menos expressivas de São Paulo e Rio de Janeiro.

A Figura 4C, porém, indica a alarmante e generalizada queda da produção de bens de alta complexidade no primeiro semestre de 2020 em relação ao primeiro semestre de 2019. Apenas Piauí, Roraima, Mato Grosso e Goiás tiveram aumento nas exportações desses bens, mas que incidem sobre uma base inicial ínfima (ver Figura 5). Por outro lado, 17 estados tiveram queda das exportações de bens de alta complexidade superior a 20% em relação ao primeiro semestre de 2019

Figura 4 – Variação das exportações dos estados brasileiros em relação ao primeiro semestre de 2019 (%)

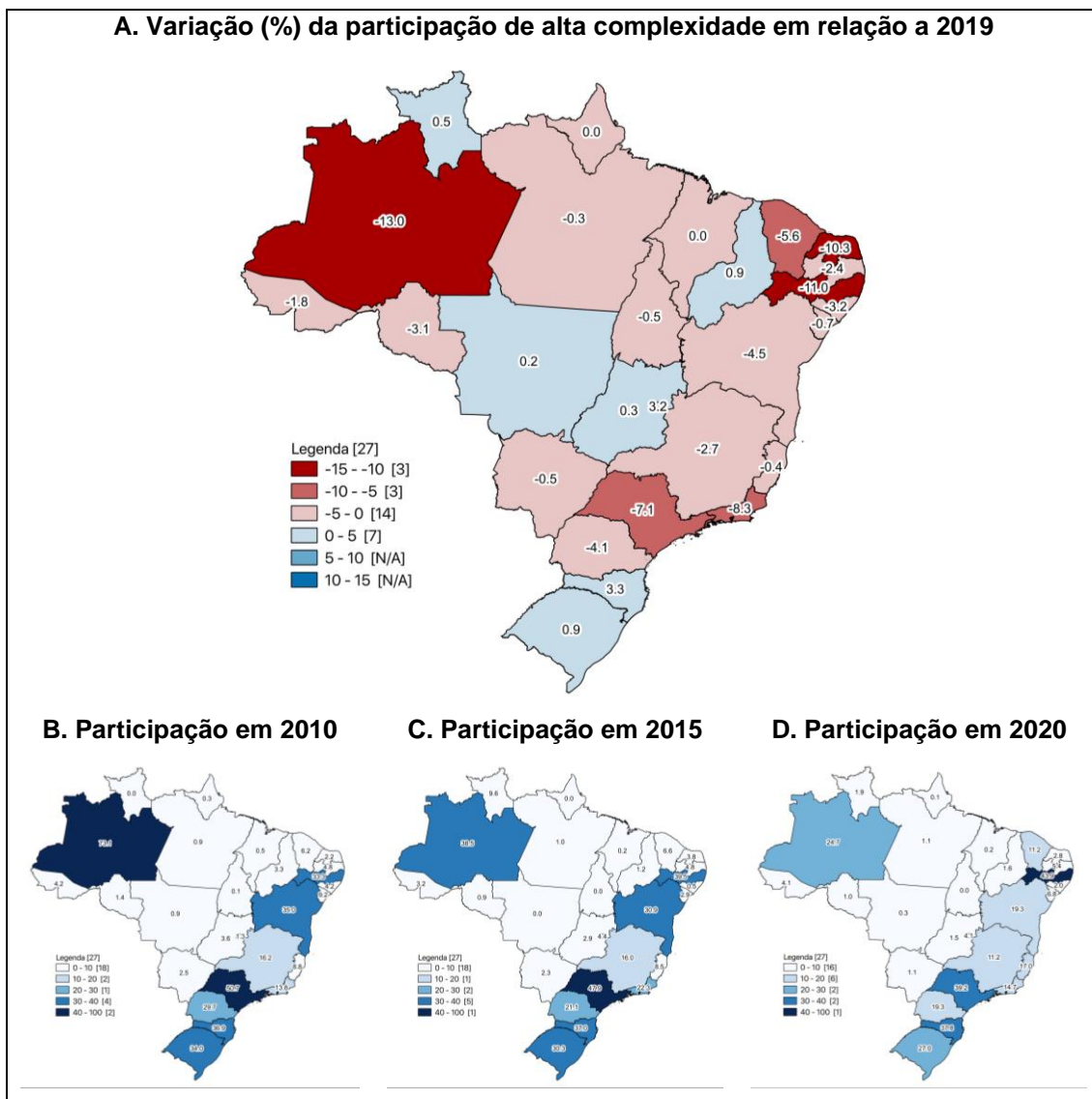


Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

A Figura 5 mostra a variação da participação das exportações de bens de alta complexidade, ou seja, aborda a composição da pauta de exportação dos estados. Pela Figura 5A, observa-se que apenas 7 estados tiveram aumento (variação positiva – azul) da participação das exportações de alta complexidade. Na maioria desses estados, o aumento foi extremamente modesto. A exceção é Santa Catarina, que teve aumento de 3,3% na participação desse setor. Nos demais 20 estados da federação, observou-se uma queda (variação negativa – vermelho) da participação das exportações desses bens. As quedas mais

acentuadas (maiores que 10%) foram em Pernambuco (-11%), Rio Grande do Norte (-10,3%) e Amazonas (-13%). São Paulo (-7,1%), Rio de Janeiro (-8,3%) e Ceará (-5,6%) vêm em seguida, com quedas superiores a -5%. As Figuras 5B, 5C e 5D, por sua vez, ilustram que a queda da participação das exportações de bens de alta complexidade não é algo novo, mas vem ocorrendo já há mais de uma década.

Figura 5 – Variação da participação das exportações de bens de alta complexidade dos estados brasileiros



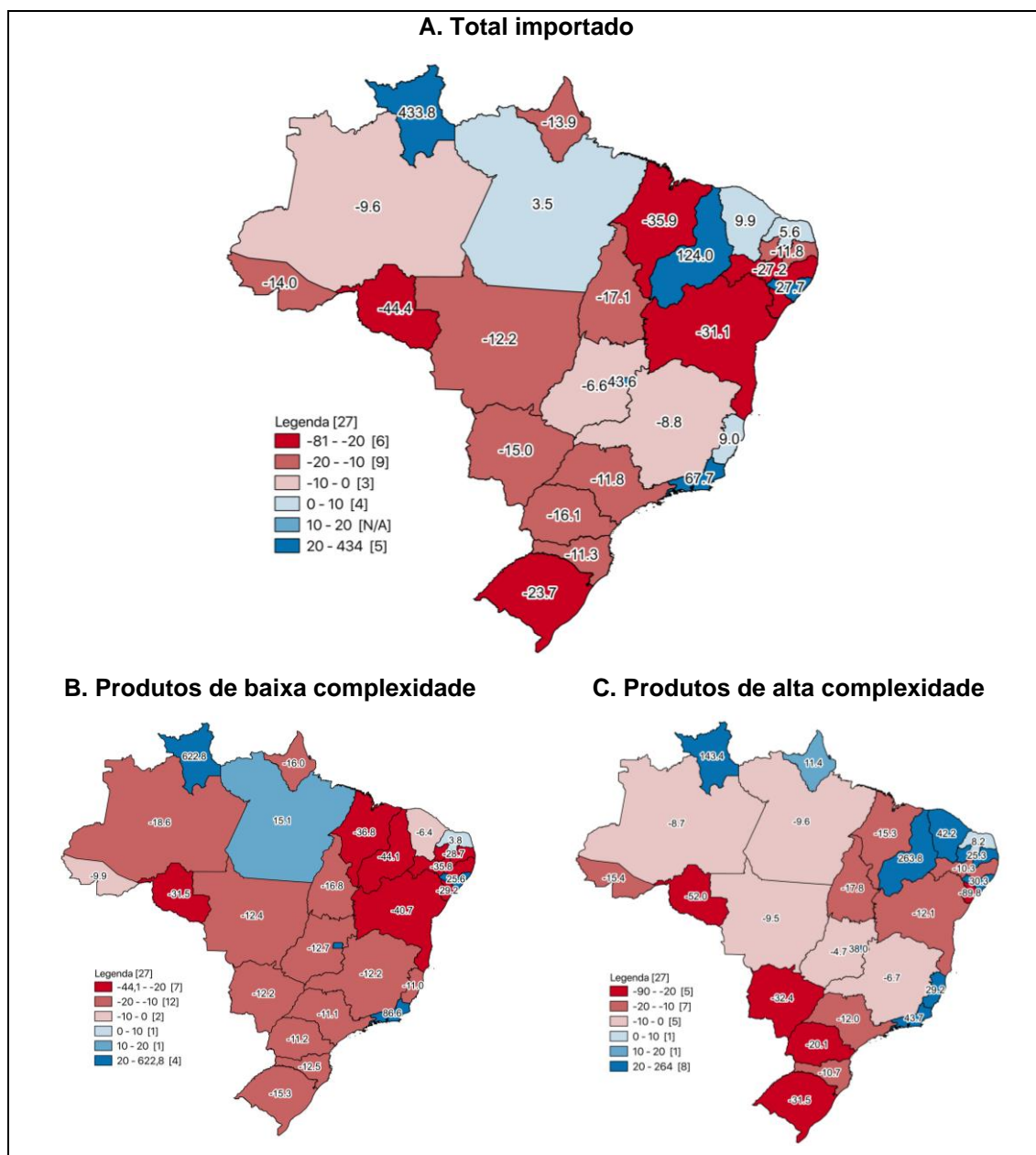
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Importações por estado

A Figura 6 indica os estados que tiveram aumento (tons de azul) e os estados que tiveram queda (tons de vermelho) das importações em relação ao primeiro

semestre de 2019. A Figura 6A aponta que apenas 9 dos 27 estados tiveram aumento de importações em relação a 2019: Roraima, Piauí, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Rio de Janeiro, Espírito Santo e o Distrito Federal (DF). As quedas mais acentuadas (mais de 20%) foram em Rondônia (-44,4%), Maranhão (-35,9%), Bahia (-31,1%), Pernambuco (-27,2%) e Rio Grande do Sul (-23,7%). Minas Gerais (-8,8%), Goiás (-6,6%) e Amazonas (-9,6%) foram os estados que tiveram as menores quedas (abaixo de 10%).

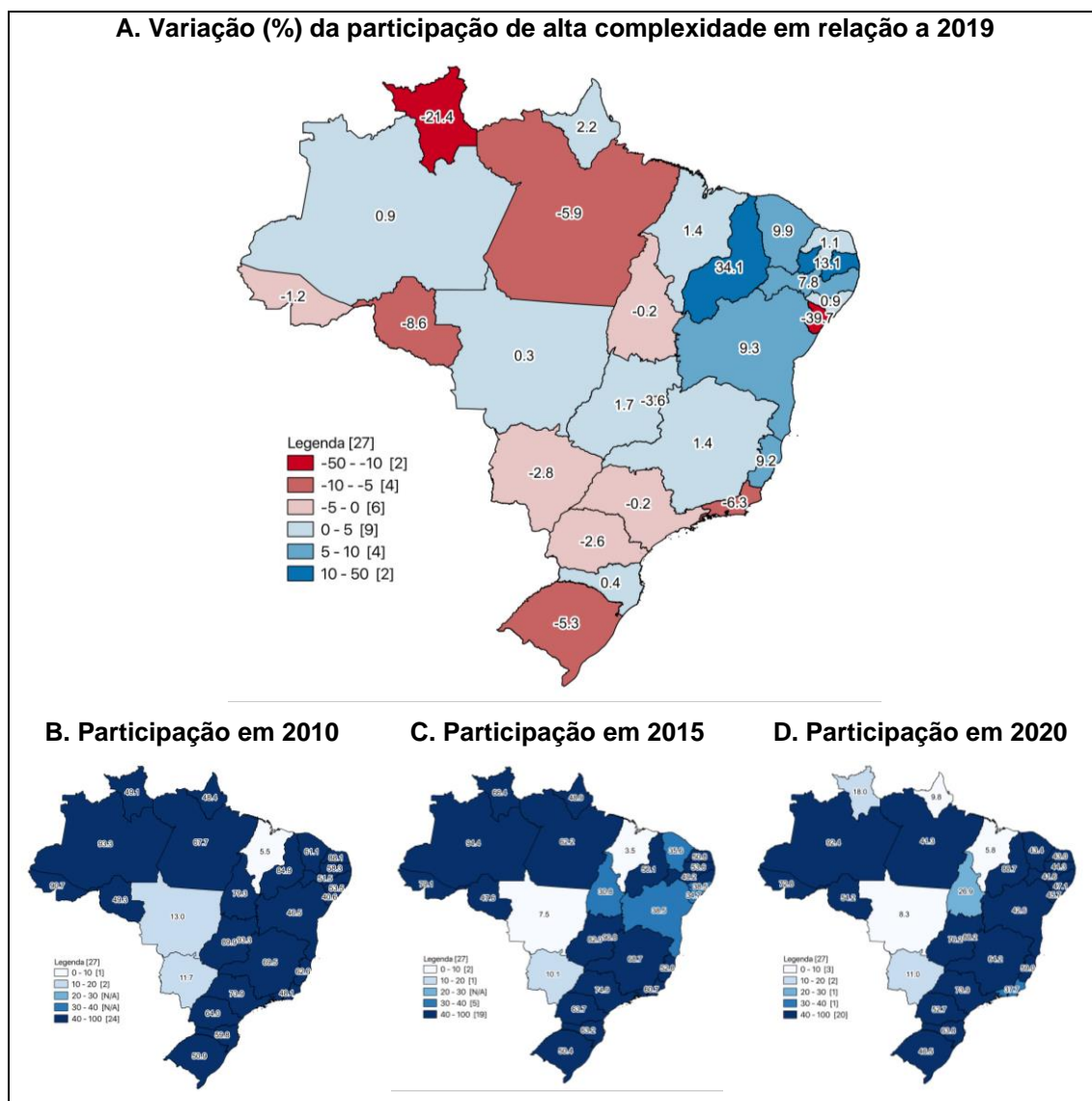
Figura 6 – Variação das importações dos estados brasileiros em relação ao primeiro semestre de 2019 (%)



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Comparando as Figuras 6B e 6C observa-se que a queda das importações foi em geral maior para os produtos de menor complexidade, provavelmente devido à maior necessidade de importação de bens de alta complexidade, em função da baixa (e cadente) capacidade de produção local. As maiores quedas na importação de produtos de baixa complexidade foram observadas em Rondônia (-31,5%), Bahia (-40,7%), Maranhão (-36,8%), Piauí (-44,1%), Pernambuco (-38,5%), Paraíba (-28,7%) e Sergipe (-29,2%). Já para os produtos de alta complexidade, as maiores quedas foram em Rondônia (-52%), Mato Grosso do Sul (-32,4%), Paraná (-20,1%) e Rio Grande do Sul (-31,5%). É interessante notar ainda que 10 estados tiveram aumento (alguns expressivos) das importações de alta tecnologia, o que reforça a perda de competitividade da produção doméstica desse setor, como já observado ao analisar as exportações. Dentre os estados com produção competitiva mais relevante de bens de alta complexidade (participação das exportações acima de 10%), destaca-se o aumento expressivo (superior a 20%) das importações desses bens no Ceará, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Figura 7 – Variação da participação das importações de bens de alta complexidade dos estados brasileiros



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

A Figura 7 mostra a variação da participação das importações de bens de alta complexidade, ou seja, aborda a composição da pauta de importação dos estados. Pela Figura 7A, observa-se que em 15 estados houve aumento (variação positiva – azul) da participação das importações de alta complexidade. Em 9 desses estados, o aumento foi modesto (menor que 5%). Os maiores aumentos ocorreram nos estados do Nordeste: Piauí (34,1%), Paraíba (13,1%), Ceará (9,9%), Bahia (9,3%) e Pernambuco (7,8%).

A Figura 7B ilustra que a participação das importações de bens de alta complexidade já era bastante elevada ainda em 2010, com 24 dos 27 estados com pauta de importação de bens de alta complexidade acima de 40%. A Figura 7C mostra, porém, que de 2010 para 2015 observou-se uma queda da

participação das importações de alta complexidade, sendo que nesse ano apenas 19 estados tiveram participação das importações desse setor superior a 40%. Esse quadro se reverte levemente em 2020.

É importante ter em mente que as importações de bens de alta complexidade não necessariamente indicam queda da capacidade produtiva local dos bens desse setor, uma vez que o mesmo é caracterizado por um comércio intra-indústria mais intenso. Além disso, a produção de bens de alta complexidade é em geral mais integrada em cadeias internacionais mais amplas. Apesar disso, o aumento das importações desses bens em diversos estados, mesmo em meio à crise, é algo alarmante, sobretudo pois verifica-se no mesmo período uma forte queda das exportações brasileiras desse setor.

Balança comercial por estado

A Figura 8 indica os estados que tiveram saldo comercial positivo (tons de azul) e os estados que tiveram saldo comercial negativo (tons de vermelho) no primeiro semestre de 2019 e 2020, considerando separadamente produtos de baixa e alta complexidade.

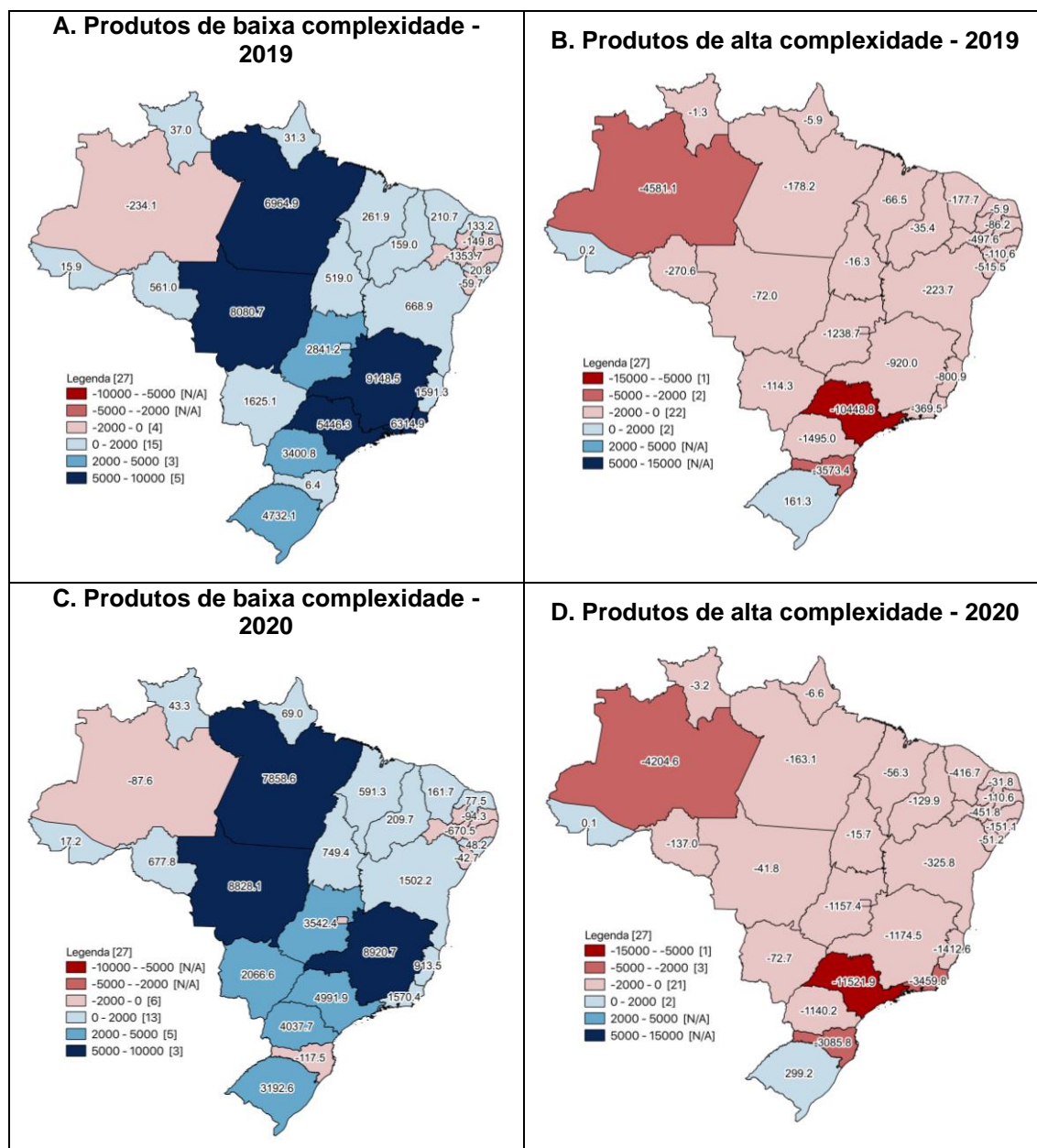
A Figura 8A mostra que 23 das 27 UFs tiveram saldo comercial positivo no primeiro semestre de 2019 para produtos de baixa complexidade, com destaque para o Pará (US\$ 6,9 bilhões), Mato Grosso do Sul (US\$ 8 bilhões), Minas Gerais (US\$ 9,1 bilhões), Rio de Janeiro (US\$ 6,3 bilhões) e São Paulo (US\$ 5,4 bilhões). Já para os produtos de alta complexidade, a Figura 8B mostra que 25 dos 27 UFs tiveram saldo comercial negativo nesses bens, com destaque para São Paulo (US\$ -10,4 bilhões), Amazonas (US\$ -4,6 bilhões) e Santa Catarina (US\$ -3,6 bilhões).

As Figuras 8C e 8D indicam que ao padrão muito semelhante é verificado em 2020. Com relação à balança de baixa complexidade, destaca-se a queda expressiva dos resultados de São Paulo (US\$ 0,5 bilhão) e Rio de Janeiro (US\$ 1,6 bilhão). Com relação à balança de alta complexidade, destaca-se o forte aumento do déficit comercial do Rio de Janeiro (US\$ -3,5 bilhões), que se torna 10 vezes maior do que o observado em 2019.

Por fim, é interessante observar também que alguns estados apresentaram saldo comercial negativo para ambas categorias de produtos: Amazonas, Santa Catarina, Paraíba, Pernambuco e Sergipe.

Em resumo, a Figura 8 apresenta três informações importantes sobre os saldos comerciais brasileiros durante o primeiro semestre de 2020: (1) a grande maioria dos estados teve saldo comercial positivo em produtos de baixa complexidade e negativo em produtos de alta complexidade; (2) em 2020 os saldos positivos em bens de baixa complexidade tenderam a aumentar na maioria dos estados; e (3) em 2020 os saldos comerciais negativos em bens de baixa complexidade tenderam a diminuir na maioria dos estados.

Figura 8 – Saldo da balança comercial dos estados brasileiros no primeiro semestre dos anos de 2019 e 2020 (milhões de US\$)



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Exportações e importações de Minas Gerais

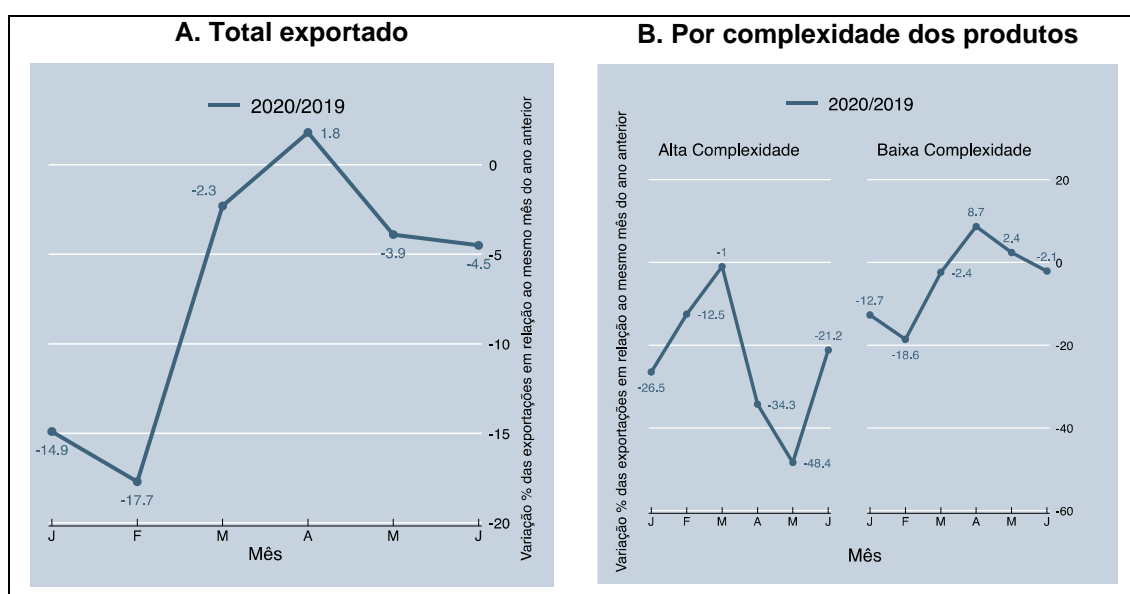
As exportações mineiras caíram 6,9% no primeiro semestre de 2020 em relação a 2019 (ver Figura A6 dos Anexos), variação praticamente igual ao observado para o total do país. Diferente do Brasil, porém, a maior parte dessa queda se deu no primeiro trimestre (-11,6% em relação a 2019), quando tanto as exportações de alta como de baixa complexidade apresentaram queda (-14,9 e -11,1%, respectivamente). No segundo trimestre a queda das exportações de alta complexidade se ampliou, chegando a -34,8%, enquanto as exportações de

baixa complexidade se recuperaram e cresceram 2,7%, gerando uma queda de apenas 2,4% nas exportações totais do estado. No semestre, o quadro foi semelhante ao do Brasil: queda de 25% das exportações de alta complexidade, e queda de apenas 3,9% das exportações de baixa complexidade.

A Figura 9 reproduz a Figura 1, mas agora focando nas exportações de Minas.

A Figura 9A aponta que as exportações mineiras seguiram movimento consideravelmente diferente do observado no Brasil durante os primeiros 6 meses de 2020 em relação a 2019. Minas inicia o ano com queda das exportações (em relação a 2019) inferior ao Brasil. Contudo, essa queda se aprofunda em fevereiro, o que não é observado em âmbito nacional, e só começa a apresentar melhora nas exportações em março.

Figura 9 – Variação (%) das exportações mineiras em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Enquanto o pico de exportações no Brasil se deu em março para iniciar nova queda em abril, em Minas esse pico se deu em abril, com a queda vindo só no mês seguinte. Ou seja, a epidemia parece ter afetado as exportações mineiras de forma defasada em relação ao país como um todo. Além disso, as quedas de exportações em relação a 2019 observadas em maio e junho são consideravelmente menores.

A Figura 9B apresenta as exportações de Minas divididas entre os produtos de alta e baixa complexidade. Para os bens de alta complexidade o movimento é semelhante ao do Brasil como um todo, ficando todo o semestre com exportações bem abaixo das observadas em 2019.

O mais preocupante, porém, é que a queda das exportações de alta complexidade em abril e maio, que é bastante superior ao observado no Brasil, chegando a cair 48,4% em relação às exportações de 2019 em maio.

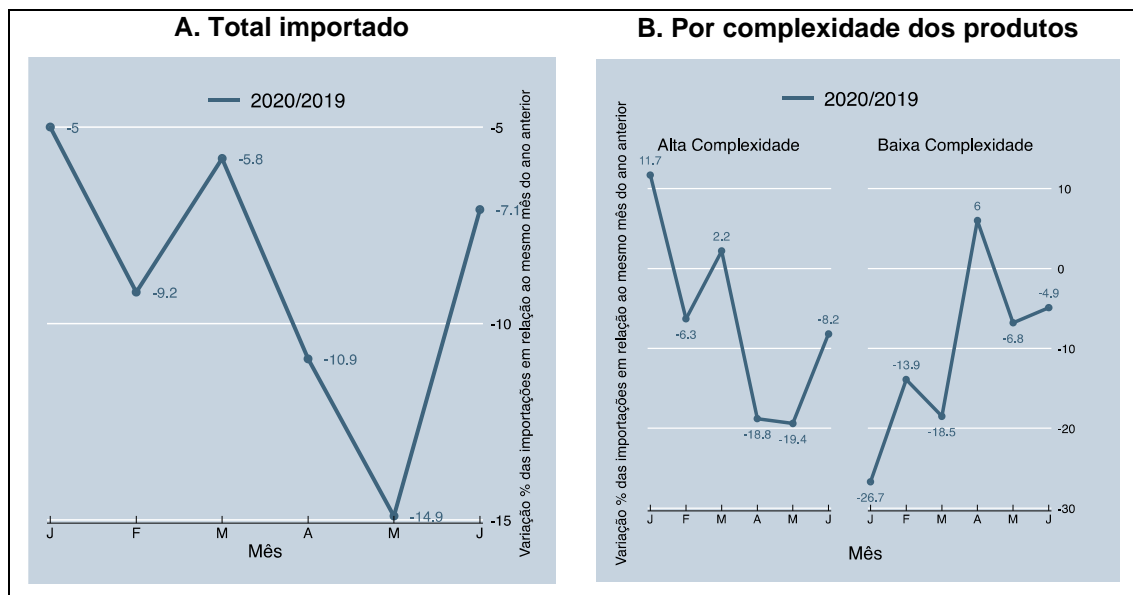
Além disso, ao analisar as exportações de baixa complexidade, verifica-se que tenham sido positivas em abril e maio, o resultado é bem menor do que o do Brasil.

Em resumo, a Figura 9 apresenta três informações relevantes sobre os movimentos das exportações mineiras durante o primeiro semestre de 2020: (1) a crise das exportações mineiras começou depois da nacional, de forma que a recuperação do estado deve também ocorrer com alguma defasagem; (2) as exportações mineiras de alta complexidade caíram mais do que o total do país; e (3) as exportações mineiras de baixa complexidade cresceram menos.

A queda das importações mineiras no primeiro semestre de 2020 foi mais acentuada que a nacional (-8,8%) (ver Figura A7 dos Anexos). A maior parte dessa queda foi no segundo trimestre (-11,1% em relação a 2019), havendo queda considerável também no primeiro semestre do ano (-6,6%). A queda total foi motivada em parte por uma forte retração das importações de produtos de alta complexidade (-15,6%) no segundo trimestre, mas também por uma queda nas importações de baixa complexidade (-20,3%) no primeiro trimestre. No total, ambos setores apresentaram queda das importações no semestre (-6,7% e -12,2% respectivamente).

A Figura 10A apresenta os movimentos das importações mineiras nos primeiros 6 meses de 2020 em relação aos primeiros 6 meses de 2019. O valor das importações inicia 2020 levemente abaixo de 2019 (-5%) e cai ainda mais em fevereiro (-9,2%). Essa diferença se reduz em março (-5,8%), mas volta a cair fortemente nos dois meses seguintes (-10,9 e -14,9%), com recuperação em junho (-7,1%). O mais importante, porém, é o fato de que a importação permaneceu abaixo do ano anterior durante todo o primeiro semestre de 2020, provavelmente em função de queda da renda do estado. Vale notar que no caso do Brasil observou-se diferença positiva em relação a 2019 nos meses de fevereiro e março.

Figura 10 – Variação (%) das importações mineiras em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

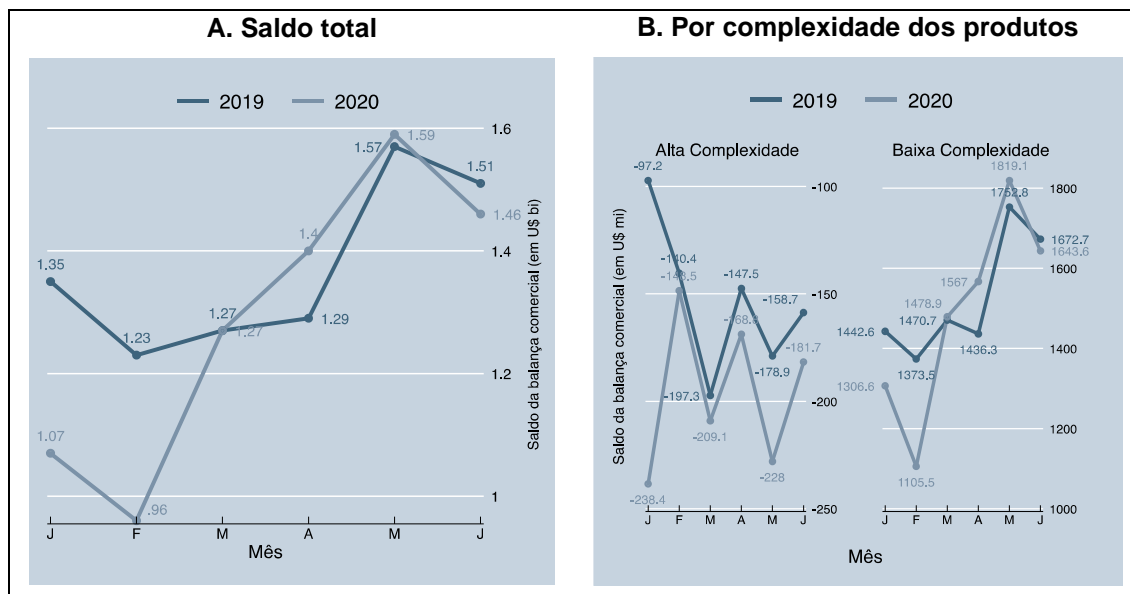
A Figura 10B repete a análise da Figura 10A separando os produtos de baixa e alta complexidade. Essa divisão indica uma situação interessante: as importações desses dois grupos de produtos tenderam a se movimentar em direção oposta nesse período. As importações de alta complexidade iniciam o ano superiores ao ano anterior (11,7%), mas depois apresentam queda dessa diferença até atingir o menor valor em maio (-19,4%). Em junho ocorre uma leve recuperação, mas a diferença continua negativa. Já as importações de baixa complexidade iniciam o ano bem inferiores a 2019 (-26,7%), mas essa diferença aumenta continuamente até o pico abril (6%). Em maio há nova queda (-6,8%), com pequena recuperação em junho (-4,9%).

Em resumo, a Figura 10 apresenta duas informações relevantes sobre os movimentos das importações durante o primeiro semestre de 2020: (1) a queda das importações de Minas Gerais foram mais expressivas do que as do Brasil, o que pode indicar maior retração da renda do estado em relação ao país como um todo; e (2) o efeito da crise nas importações de bens de alta complexidade foi mais acentuado do que nas importações de bens de baixa complexidade.

Balança comercial mineira

A Figura 11 apresenta os movimentos da balança comercial mineira ao longo dos 6 primeiros meses de 2019 e 2020.

Figura 11 – Saldo da balança comercial mineira no primeiro semestre dos anos de 2019 e 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Pela Figura 11A observa-se que o saldo mensal de 2020 seguiu padrão semelhante ao de 2019. Depois de queda de janeiro para fevereiro, verificou-se aumento do saldo comercial até abril. Os saldos de 2020 ficaram abaixo dos de 2019 em janeiro, fevereiro e junho, e superando o de 2019 em abril e maio. É importante destacar que o saldo foi positivo em todos os meses. Contudo, como as exportações foram inferiores a 2019 em todos os meses exceto abril, pode-se constatar então que o saldo positivo se manteve em nível semelhante ao de 2019 em função da queda das importações.

A Figura 11B apresenta os saldos comerciais para os produtos de baixa e de alta complexidade. Assim como para o Brasil como um todo, os movimentos do saldo comercial dos produtos de baixa complexidade de Minas Gerais também são muito semelhantes ao movimento do saldo geral, com a diferença que tem valores bastante superiores ao saldo total. Isso é válido tanto pra 2019 como para 2020. Já para os produtos de alta complexidade o saldo permanece negativo em todos os meses de ambos anos. Em 2020 os menores resultados se dão em janeiro (US\$ -238,4 milhões) e maio (US\$ -228 milhões). Em especial, comparando os resultados de 2019 e 2020 observa-se que o saldo comercial nos produtos de alta complexidade se tornou mais negativo em todos os meses do primeiro semestre de 2020.

Em resumo, a Figura 11 apresenta três informações importantes sobre os saldos comerciais brasileiros durante o primeiro semestre de 2020: (1) o saldo foi sempre positivo e cresceu ao longo do semestre, o que indica que a queda das exportações mineiras em relação a 2019 nesse período foi menor do que a queda das importações; (2) o saldo positivo foi atingido em função do elevado e crescente saldo comercial em bens de baixa complexidade; e (3) o saldo

comercial em bens de alta complexidade foi negativo e inferior a 2019 ao longo de todo o semestre, o que indica a baixa e cadente competitividade relativa da produção mineira desse setor.

Vale destacar também que a participação dos principais parceiros comerciais de Minas Gerais nas importações e exportações nos primeiros 6 meses de 2020 permaneceu semelhante a 2019 (ver Figura A8 dos Anexos). A participação dos principais parceiros permaneceu relativamente constante nos dois períodos. Ocorreu uma queda considerável da participação da Argentina (-2,8p.p.), e um pouco mais leve da Itália (-0,8p.p.) nas importações mineiras. Ao mesmo tempo, as importações da China aumentaram 1,7p.p.. Já em relação as exportações, ocorreu um crescimento expressivo na participação da China (7,7p.p.), principal destino das exportações mineiras entre, e do Canadá (2,2p.p.). Por outro lado, Estados Unidos (-0,5p.p.) e Holanda (-0,9p.p.) tiveram leves quedas da sua participação.

Considerando grupos de produtos, o movimento das exportações mineiras apresentou uma queda na maioria dos grupos de produtos (ver Figura A9 dos Anexos). As principais quedas nas exportações no primeiro semestre de 2020 foram de Artigos têxteis (-39,5%), Artigos de papel (-32,6%) e Artigos de pedra e semelhantes (-42,2%), Artes e antiguidades (-66,3%) e Transportes (-44%). Os principais aumentos, por outro lado, foram em Produtos de madeira (19,3%) e Gêneros alimentícios (22,2%).

Em relação as importações (ver Figura A10 dos Anexos), as quedas mais relevantes foram nos produtos de Transportes (-35,8%), Produtos minerais (-33,2%), Derivados vegetais e animais (-30,2%), Calçados e semelhantes (-26,3%), Artigos de pedra e similares (-24,9%) e Produtos de madeira (-15,5%). Por outro lado, houve um aumento nas importações de Produtos de origem animal (49,3%), Peles e couros de animais (28,2%), Artigos têxteis (22,7%), Instrumentos (20%) e Produtos químicos (13,9%).

Impactos no mercado de trabalho

A pandemia da Covid-19 teve efeitos devastadores sobre o mercado de trabalho no Brasil. No auge da paralisação das atividades, entre abril e maio, estima-se que aproximadamente $\frac{1}{4}$ da força de trabalho potencial estava desocupada¹¹. O nível de ocupação atingiu o seu menor patamar histórico – menos de 50% da população em idade de trabalhar – e boa parte dos trabalhadores se viu obrigado a uma inatividade forçada por não poder procurar trabalho devido à pandemia.

De acordo com os dados da Pnad Contínua para os primeiros trimestres de 2019 e 2020, a taxa de participação no Brasil declinou 7 pontos percentuais, de 62,1% para 55,3%. Em Minas Gerais, a queda foi levemente inferior, de 64,1% para 58,4%, representando um total de 927 mil trabalhadores a menos no mercado

¹¹ Disponível em <https://rededesquisasolidaria.org/boletins/boletim-14/situacao-dramatica-do-desemprego-esta-oculta-nos-indicadores-oficiais-sem-renda-emergencial-de-r-60000-a-pobreza-atingiria-30-da-populacao/>

de trabalho do estado. A taxa de desocupação subiu de 9,6% para 11,2%, ficando um pouco abaixo da média nacional (13,3%). O saldo negativo de postos de trabalho em Minas Gerais foi de 1,18 milhão, dos quais 63% (~750 mil) foram desfeitos no setor informal e 37% (~437 mil) no setor formal.

A taxa de formalização do emprego¹², que era de 65,6% subiu para 69,5%, também um pouco acima da média nacional. Esse crescimento, contudo, expressa tão somente que aproximadamente 2 em cada 3 postos de trabalho destruídos estavam no setor informal.

Tabela 1 – Indicadores de Mercado Trabalho, Minas Gerais e Brasil. 1º trimestre de 2019 e 2020 e julho de 2020.

	Minas Gerais					
	2 tri 2019		2 tri 2020		Julho 2020	
Taxa de participação	64.1%	11.269.448	58.4%	10.342.403	59.5%	10.395.045
Taxa de desocupação	9.6%	1.076.562	12.9%	1.338.193	11.2%	1.162.823
Formalização	65.6%	6.690.966	69.5%	6.254.454	61.8%	5.707.171
	Brasil					
	Pnad C 2 tri 2019		Pnad C 2 tri 2020		Pnad Covid Julho 2020	
Taxa de participação	62.1%	106.107.872	55.3%	96.137.633	57.3%	96.510.513
Taxa de desocupação	12.0%	12.766.047	13.3%	12.790.522	12.0%	11.428.443
Formalização	62.8%	58.587.068	66.3%	55.220.256	60.0%	51.259.846

Fonte: 1 trimestre de 2019 e 2020, Pnad Contínua Trimestral. Julho 2020, Pnad Covid Julho

Seguindo a tendência nacional, o setor de comércio foi de longe o mais afetado, com um total de 350 mil postos desfeitos, seguido da Construção civil (-150 mil) e Alojamento & alimentação (-140 mil). Os setores de Saúde (46 mil), Educação (36 mil) e Administração Pública (26 mil) foram os únicos que apresentaram crescimento significativo no período.

¹² Considera-se trabalhadores formais os empregados no setor privado com carteira assinada, militares, estatutários e qualquer outro trabalhador que contribua para Instituto de Previdência, independente do vínculo de trabalho.

Tabela 2 – Saldo do emprego, por setor. 2019/2020, primeiro trimestre. Minas Gerais

Setor - Seção Cnae	Informal	Formal	Total
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	-95.995	-32.298	-128.293
Indústrias Extrativas	-5.181	-5.145	-10.326
Indústrias de Transformação	-81.303	-39.325	-120.628
Eletricidade e Gás	850	-1.761	-911
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	-6.958	-1.451	-8.409
Construção	-82.679	-70.483	-153.162
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	-121.003	-227.919	-348.922
Transporte, Armazenagem e Correio	-28.396	-22.339	-50.735
Alojamento e Alimentação	-88.129	-53.034	-141.163
Informação e Comunicação	-2.665	8.543	5.878
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	-3.252	-18.009	-21.261
Atividades Imobiliárias	476	6.641	7.117
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	-3.072	-13.868	-16.940
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	1.131	-25.588	-24.457
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	-7.870	34.007	26.137
Educação	-15.704	51.998	36.294
Saúde Humana e Serviços Sociais	-3.941	50.073	46.132
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	-17.074	1.649	-15.425
Outras Atividades de Serviços	-65.705	-11.579	-77.284
Serviços Domésticos	-123.750	-67.441	-191.191
Total	-750.681	-437.329	-1.188.010

Fonte: Microdados Pnad Contínua, 1º trimestre de 2019 e 2020.

Do total de empregos destruídos ao longo do período, a grande maioria, 72,7%, estava nos setores de baixa complexidade. A se considerar que a distribuição do emprego entre setores de alta e baixa complexidade no estado de Minas Gerais em 2019 era de 27% e 73%, respectivamente, o impacto da pandemia manteve o padrão. No segundo trimestre de 2020, 26% dos empregos estavam nos setores de alta complexidade.

A sutil mudança, contudo, pode ser observada na composição setorial. A pandemia, por afetar fortemente os setores de Comércio & Reparação e de Alojamento & Alimentação, reduziu sensivelmente a participação desses setores (em torno de 3 pontos percentuais cada um). De outro lado, a Indústria de Transformação (+ 1,6 p.p.), as Atividade Profissionais (+ 1,2 p.p.) e os Serviços de Saúde (+ 1,3 p.p.) aumentaram sua participação.

Tabela 3 – Saldo do emprego, por setor e nível de complexidade. 2019/2020, primeiro trimestre. Minas Gerais

Setor - Seção Cnae	Baixa Complexidade	Alta Complexidade	Total
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	-128.337	45	-128.292
Indústrias Extrativas	-10.325	0	-10.325
Indústrias de Transformação	-120.203	1.133	-119.070
Eletricidade e Gás	-911	0	-911
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	-8.408	0	-8.408
Construção	-153.162	0	-153.162
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	-226.246	-128.394	-354.640
Transporte, Armazenagem e Correio	-12.499	-38.236	-50.735
Alojamento e Alimentação	558	-141.722	-141.164
Informação e Comunicação	4.484	1.394	5.878
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	-19.750	-1.511	-21.261
Atividades Imobiliárias	0	7.117	7.117
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	-13.443	-4.084	-17.527
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	-16.371	-1.483	-17.854
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	26.137	0	26.137
Educação	32.463	3.831	36.294
Saúde Humana e Serviços Sociais	43.399	2.733	46.132
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	-7.961	-7.464	-15.425
Outras Atividades de Serviços	-61.138	-16.145	-77.283
Serviços Domésticos	-191.192	0	-191.192
Total	-862.905	-323.247	-1.186.152
Total %	72,7%	27,3%	100,0%

Fonte: Microdados Pnad Contínua, 1º trimestre de 2019 e 2020.

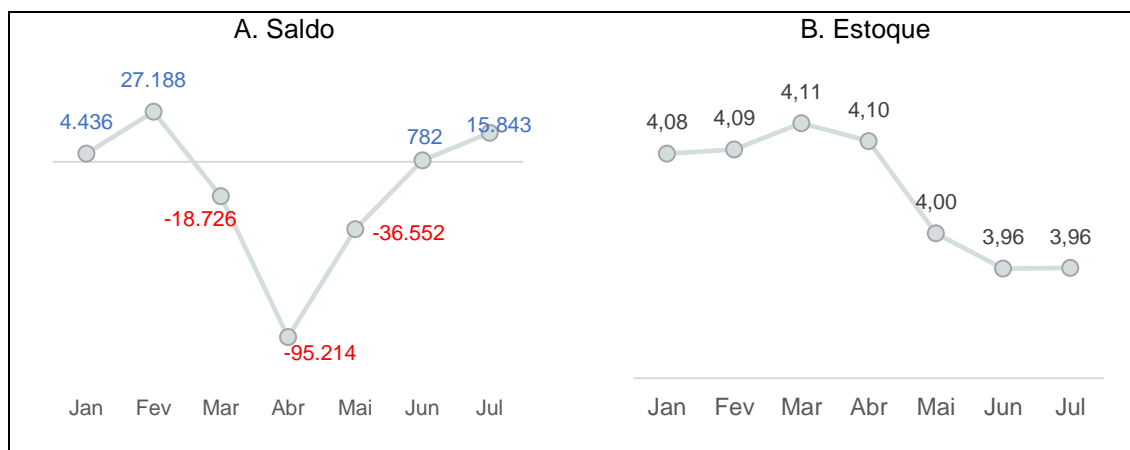
Comportamento e indicação de retomada do mercado formal

A partir dos dados do Caged¹³, observa-se que abril foi o mês com o pior resultado no ano: 95.214 postos fechados no mercado formal. O mês de junho apresentou comportamento estável (+ 782) e julho já teve um saldo positivo de 15.843 vagas. O acumulado do ano, entretanto, ainda apresenta um saldo negativo de mais de 100 mil postos, e o estoque de emprego formal que era de

¹³ É importante destacar que há possibilidade de que os dados do Caged estejam subdeclarados por dois motivos em especial: i) a transição para o e-social, que ainda tem gerado ruídos na declaração; ii) o fato de que muitas empresas podem ter encerrado suas atividades e não ter enviado a informação sobre os desligamentos. Desta forma, recomenda-se que os dados sejam lidos com cautela.

pouco mais de 4,08 milhões de empregos em janeiro caiu para 3,96 milhões em julho.

Figura 12 – Saldo e estoque (em milhões) do emprego formal. Minas Gerais, janeiro a julho de 2020



Fonte: Microdados Caged, janeiro a julho de 2020

Os dados por setor mostram que a retomada observada a partir de julho é puxada principalmente pelas contratações na Indústria de Transformação e na Construção Civil, seguidos do Comércio e da Saúde. Os setores de Alojamento & Alimentação e Educação ainda tiveram saldo negativo de mais de 2 mil postos cada um.

Mesmo com as limitações apontadas pelos dados do Caged, há indícios de que o pior da pandemia já passou para o mercado de trabalho, especialmente no que diz respeito à destruição de vagas e desligamentos. A reabertura, ainda que gradual, das atividades econômicas, tem guiado uma retomada das admissões, nos setores formal e informal.

Tabela 4 – Saldo mensal do emprego formal, por setor. Minas Gerais, janeiro a julho de 2020

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	-306	571	3.148	503	1.668	2.099	2.136
Indústrias Extrativas	-119	665	-163	-181	-35	172	251
Indústrias de Transformação	3.622	8,284	-4.403	-24.594	-11.449	-644	5.548
Eletricidade e Gás	-2	75	52	9	-6	-135	-54
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	236	305	-81	-307	-333	-129	-69
Construção	4.608	3.938	-1.496	-9.465	-599	3.194	5.205
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	-5.557	-479	-10.138	-24.436	-8.980	156	2.995
Transporte, Armazenagem e Correio	-189	586	449	-4.674	-3.020	-1.008	294
Alojamento e Alimentação	-51	820	-7.660	-12.032	-5.492	-3.476	-2.582
Informação e Comunicação	771	526	330	-999	-22	387	558
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	266	208	102	-320	-222	-263	240
Atividades Imobiliárias	31	107	-31	-284	-108	22	98
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	521	490	-110	-2.321	-720	735	978
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	-68	993	-1.121	-8.138	-2.606	1.757	944
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	-74	284	113	26	-158	-103	99
Educação	-335	7.178	1.582	-2.806	-1.894	-1.738	-2.754
Saúde Humana e Serviços Sociais	932	1.057	1.325	-1.425	-674	637	2.120
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	248	329	-625	-1.689	-797	-598	-401
Outras Atividades de Serviços	-112	1.236	3	-2.064	-1.101	-290	236
Serviços Domésticos	14	15	-2	-17	-4	7	2
Total	4.436	27.188	-18.726	-95.214	-36.552	782	15.843

Fonte: Microdados Caged. Janeiro a Julho de 2020.

Considerações finais

A presente nota discutiu os principais efeitos da epidemia de COVID19 sobre os fluxos comerciais e o mercado de trabalho do Brasil e dos estados da federação, com enfoque para o estado de Minas Gerais. A nota focou especial atenção na complexidade dos produtos e setores, analisando assim as mudanças da estrutura produtiva e comparando a situação antes e durante a pandemia.

Dentre os principais resultados observados, ressalta-se o impacto negativo da epidemia sobre as exportações de bens de alta complexidade, que já vinham caindo nos últimos anos. Seguindo as evidências empíricas apresentadas por Hidalgo e Hausmann (2009), Hausmann et al. (2007; 2011), Hartmann et al. (2017) e Romero e Gramkow (2020), a redução da produção competitiva de bens de alta complexidade, caso se torne permanente, gerará efeitos negativos sobre a taxa de crescimento do PIB per capita brasileiro, sobre o nível de desigualdade de renda, e sobre a intensidade de emissões de gases de efeito estufa.

Em Minas Gerais, mais especificamente, o pico das exportações se deu somente em abril, um mês depois da média nacional. Desta forma, a queda e os efeitos da pandemia só se fizeram sentir em maio (também com um mês de atraso), sugerindo que a retomada no estado pode ser também retardada caso medidas específicas não sejam adotadas.

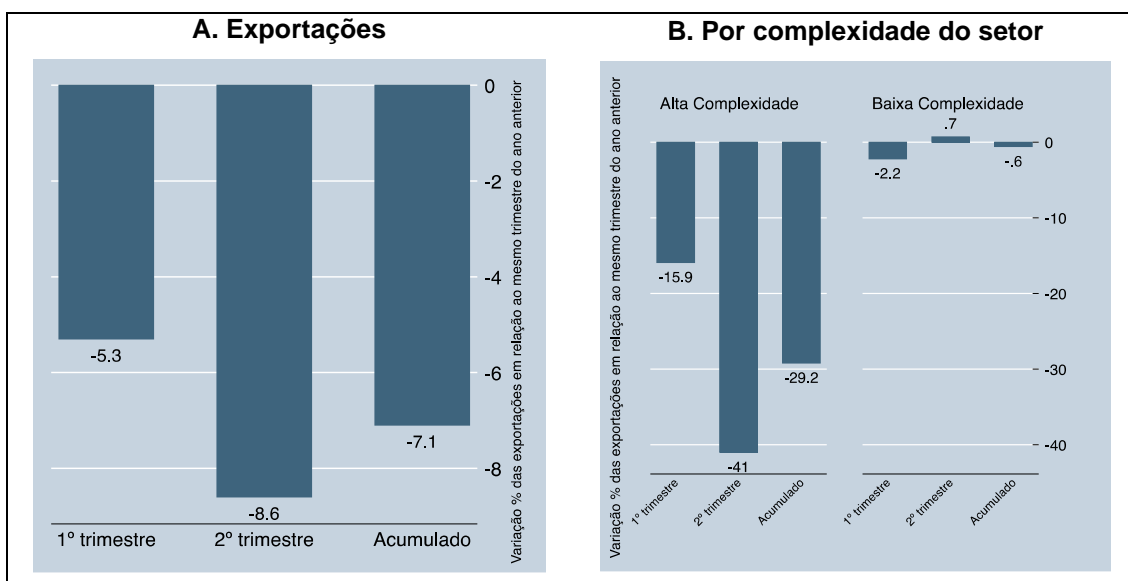
Além disso, observou-se que a queda das exportações mineiras de alta complexidade foi superior ao que ocorreu no restante do país, ao tempo em que as exportações de baixa complexidade cresceram menos. Também foi identificada que a maior severidade da queda das importações em Minas Gerais pode estar a indicar uma maior retração da renda do estado em relação ao país como um todo.

Com relação ao comportamento do mercado de trabalho, as tendências de Minas Gerais foram muito semelhantes à média nacional. Uma drástica redução da participação da força de trabalho e do nível de ocupação como resultado, principalmente, das medidas de distanciamento físico e de paralisação da atividade econômica. O setor de Comércio & Serviços, principal empregador do estado, foi de longe o mais atingido, com mais de 340 mil postos desfeitos.

O efeito no mercado de trabalho se fez sentir especialmente sobre o emprego informal, que teve o dobro de postos de trabalho desfeitos em relação ao setor formal. Esse resultado aponta que a retomada de criação de empregos, já indicada pelos dados do Caged em julho, deve ser liderada principalmente pelo setor informal. Caso medidas não sejam adotadas para reverter os efeitos da epidemia sobre a produção de bens de alta complexidade, o processo de desenvolvimento econômico do Brasil e de Minas Gerais, mais especificamente, sofrerá um forte revés.

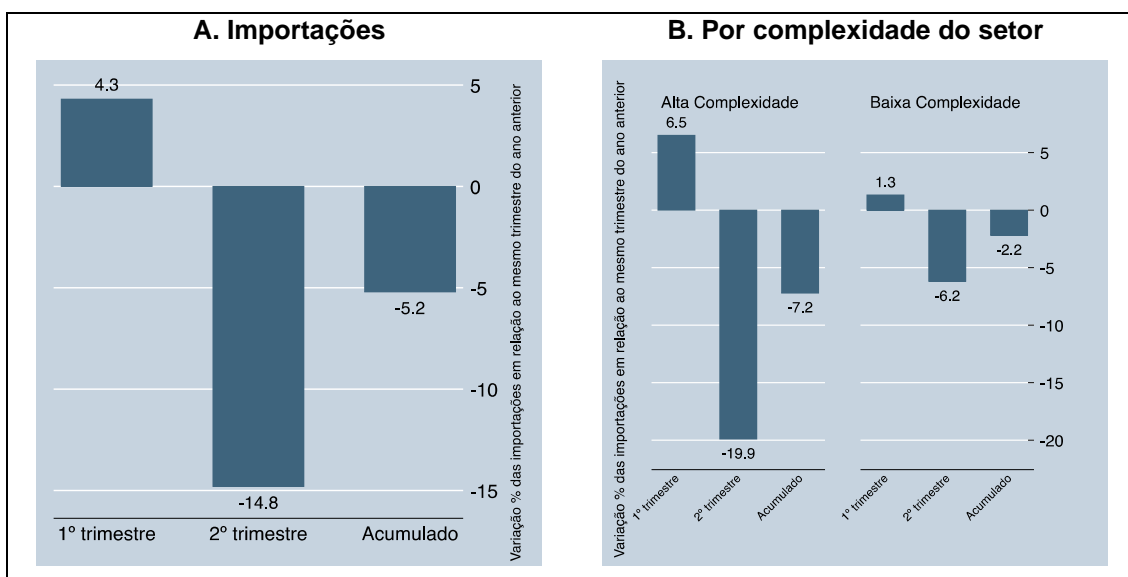
Anexos

Figura A1 – Variação (%) das exportações brasileiras nos primeiros trimestres de 2020 em relação a 2019.



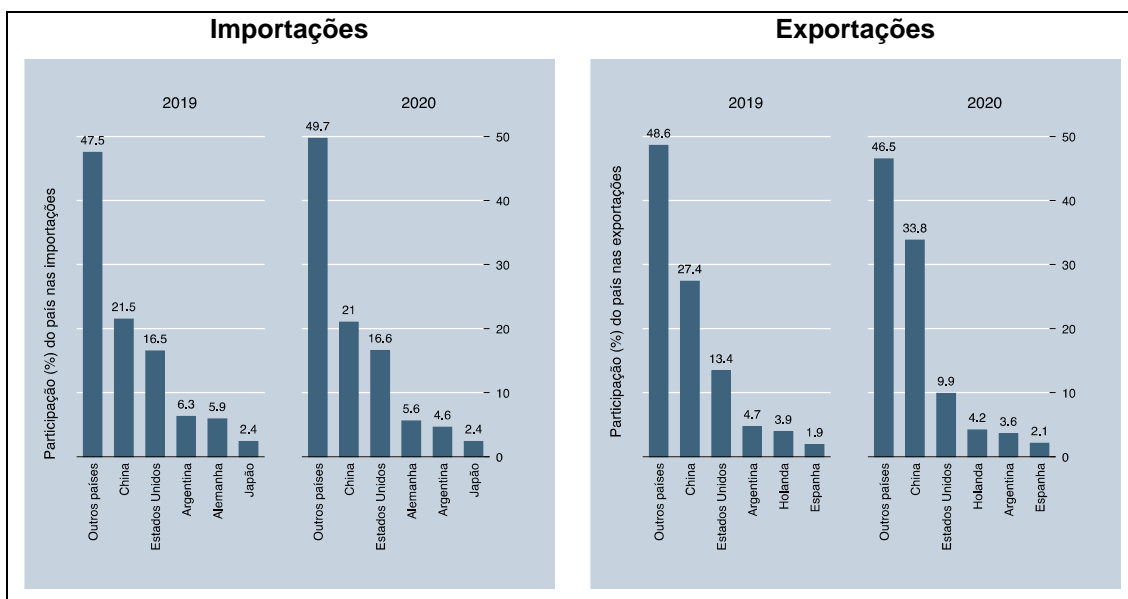
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A2 – Variação (%) das importações brasileiras nos primeiros trimestres de 2020 em relação a 2019.



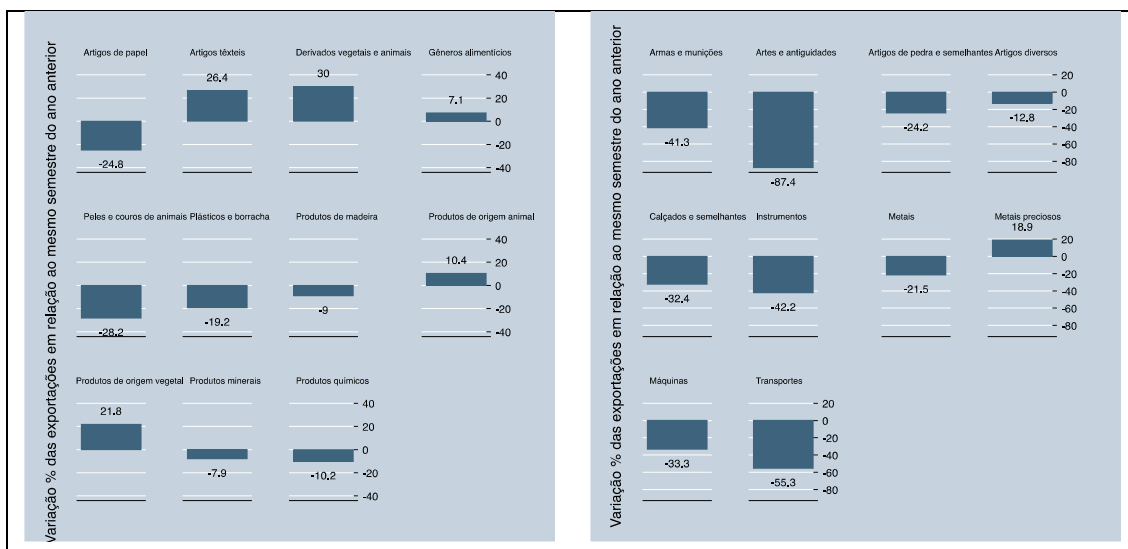
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A3 – Participação (%) de países no comércio internacional brasileiro no primeiro semestre de 2019 e 2020.



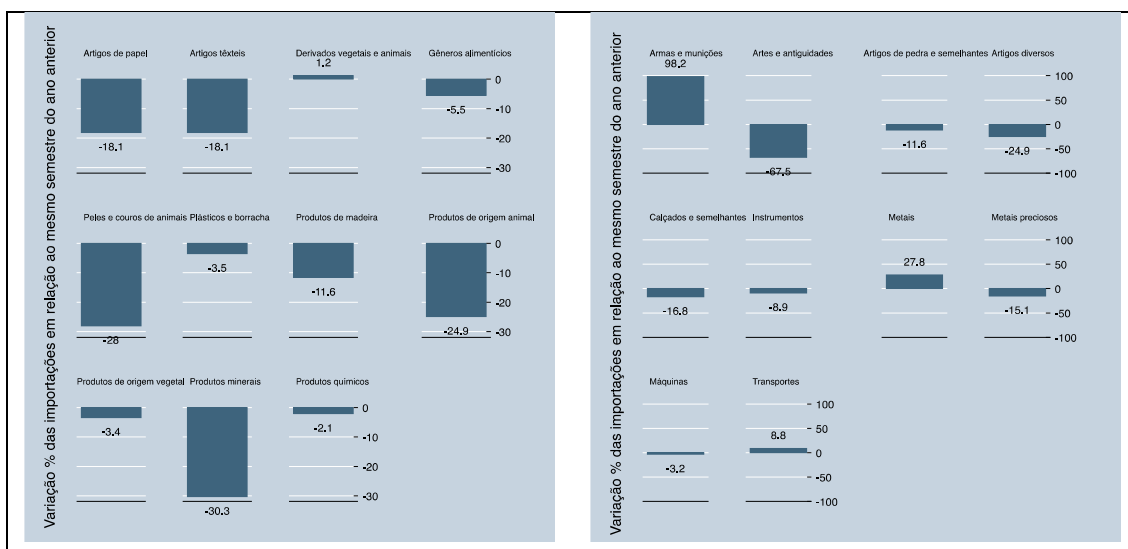
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A4 – Variação (%) das exportações brasileiras por grupo de produtos em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A5 – Variação (%) das importações brasileiras por grupo de produtos em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Tabela A1 – Principais produtos de alta complexidade exportados pelo Brasil em 2019

HS	Produto	ICP	Valor exportado (em US\$ bi)	Participação (%)
8703	Carros	0,727	3,8	1,7
8429	Veículos de grande porte para construção	0,712	2,3	1
8411	Turbinas a gás	0,711	2,1	0,9
8708	Peças para veículos	0,813	1,8	0,8
8704	Caminhões de carga	0,273	1,5	0,7
8409	Peças para motores	0,669	1,3	0,6
4011	Pneumáticos novos	0,438	1,2	0,5
8307	Tubos flexíveis de metais	0,175	1,1	0,5
3901	Polímeros de etileno	0,300	0,9	0,4
3004	Medicamentos embalados	0,465	0,8	0,4

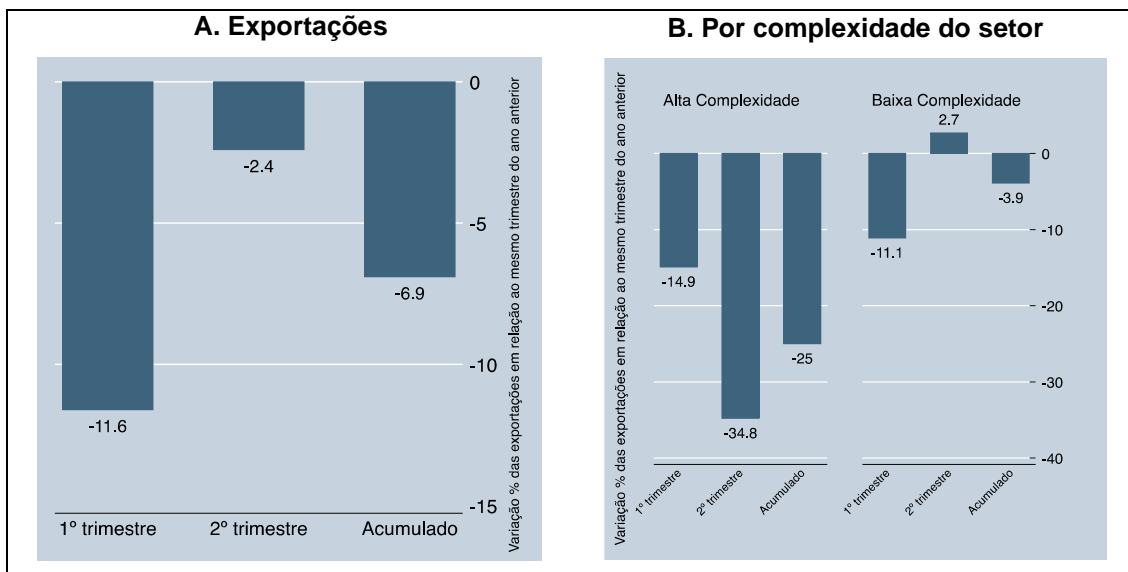
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Tabela A2 – Principais produtos de baixa complexidade exportados pelo Brasil em 2019

HS	Produto	ICP	Valor exportado (em US\$ bi)	Participação (%)
2709	Petróleo cru	-2.372	24,2	10,7
2601	Minério de ferro	-1.988	22,7	10,1
1005	Milho	-1.474	7,3	3,2
4703	Pastas químicas de madeira à soda ou sulfato	-0,537	7,1	3,2
0207	Carne de aves	-0,406	6,5	2,9
2710	Petróleo refinado	-0,523	5,9	2,6
2304	Farelo de soja	-1.539	5,9	2,6
0202	Carne bovina congelada	-1.681	5,7	2,5
1701	Açúcar in natura	-2.041	5,2	2,3
0901	Café	-0,820	4,6	2,0

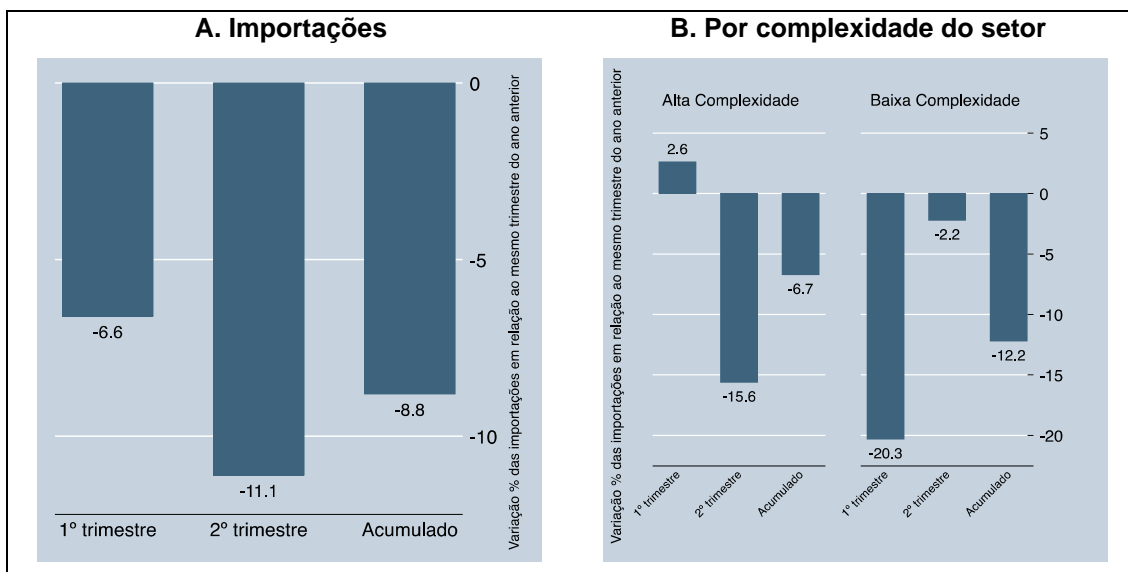
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A6 – Variação (%) das exportações mineiras nos primeiros trimestres de 2020 em relação a 2019.



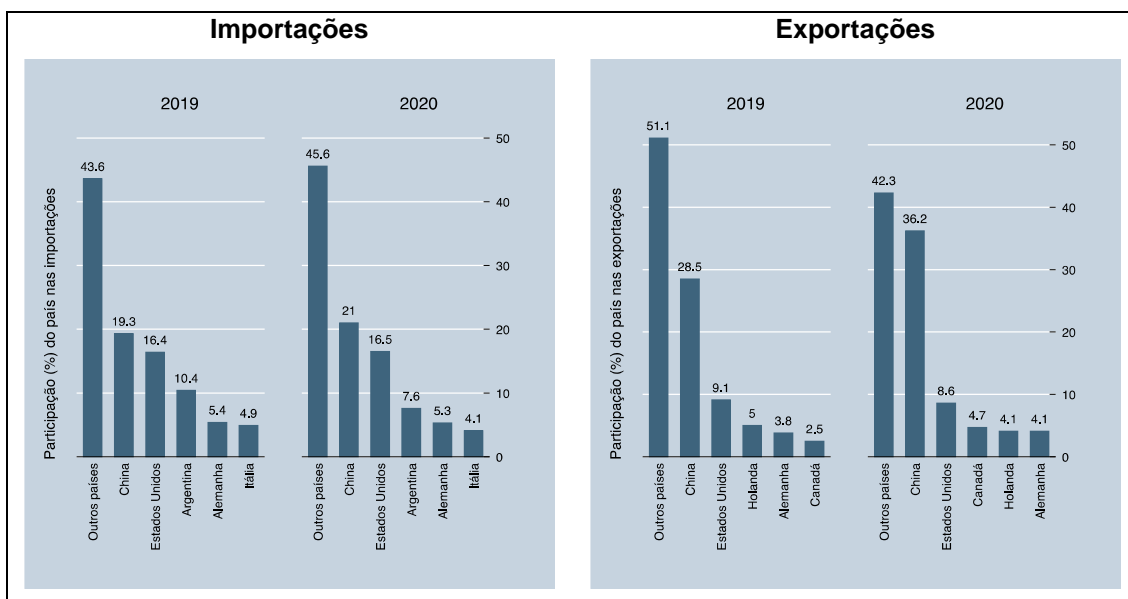
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A7 – Variação (%) das importações mineiras nos primeiros trimestres de 2020 em relação a 2019.



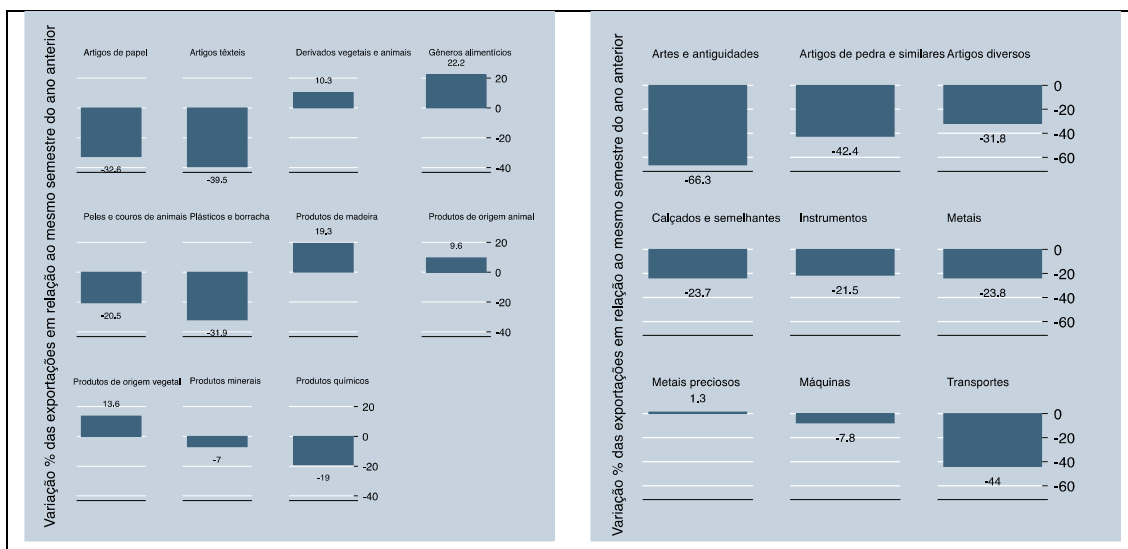
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A8 – Participação (%) de países no comércio internacional mineiro no primeiro semestre de 2019 e 2020.



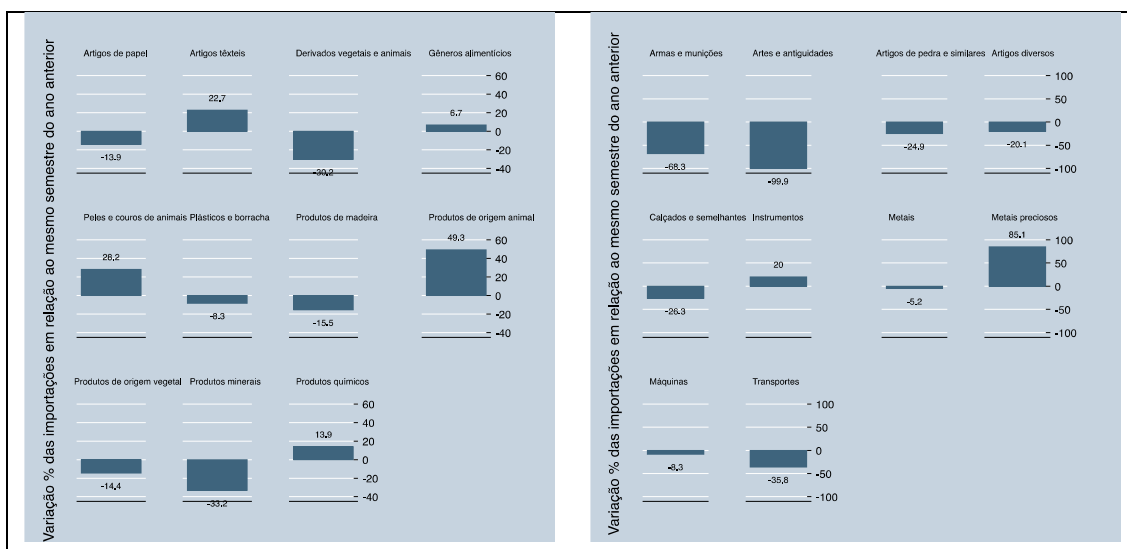
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A9 – Variação (%) das exportações mineiras por grupo de produtos em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Figura A10 – Variação (%) das importações mineiras por grupo de produtos em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Sobre os autores

João Romero é doutor em Economia Aplicada pela Universidade de Cambridge e professor de Economia do Cedeplar-UFMG.

Eltton Freitas é doutor em Economia pelo Cedeplar-UFMG.

Ian Prates é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, pesquisador do Cebap e da Social Accountability International